PARA·TODOS...
ANNO XII NUM. 589 29 MARÇO 1930 PREÇO 1$000

Os defensores da saude publica

recommendam
para toda e
qualquer dôr a

preparado da CASA BAYER, famoso em todo o mundo.

Ella allivia as dores e restitue ao paciente o seu estado de saude normal.

En toda a parte os medicos receitam-n'a, porque ella é, além de efficaz, absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

Uma outra vez encarregou a Falconet de propôr á côrte da Russia a acquisição de um lote de preciosos livros, dos quaes Lauragerais se desfazia. No leilão de Gaignat, adquiriu um Murillo, tres Gérard Dow, um Van Loo. Emfim, em 1770, deu um golpe de mestre comprando em nome da imperatriz a galeria Crozat.

Nesse anno fallece a Louis-Antoine Crozat, barão de Thiers, deixando tres filhas que desejavam se desfazer da magnifica galeria de seu pae. Infelizmente a época, era mal escolhida para uma venda publica. A crise financeira provocada pelas reformas do abbade Terra, havia levado muita gente a pobreza.

Appellando para a intelligencia de um de seus amigos, Francis Tronchin, que nesse negocio desempenhou um papel muito desinteressado, expediu os quadros. "Máo grado seus sessenta e sete annos, o conde Maurice Tourneau, François Tronchin não hesitou a affrontar as fadigas de uma viagem a Paris, afim de corresponder ao lisonjeiro appello que faziam ao seu saber, e tambem, para ter o prazer de examinar de perto, essa collecção justamente celebre".

Elle reviu peça por peça e com a competencia de um pratico, redigiu um catalogo, após ter avaliado o seu valor total em 460.000 libras.

Em oito de Outubro, os herdeiros de Crozat estavam de accôrdo com o valor firado por Tronchin, e em 4 de Janeiro a venda definitiva foi assignada perante um tabellião.

Apurada e reduzida, essa magnifica collecção forneceu ao Museu "l'Ermitage, de Petersbourg um nucleo de obras admiraveis: varios Raphael, um Sébastian, um Piombo, dois Vernière, alguns Titien Van Dych, Rubens, Rembrant, um Poussin, "Les Fatigues", de Watteau, o "Concert", de Lancret.

Essa maravilhosa collecção escolhida e paga., precisava ser enviada á Russia. Não foi pequeno o trabalho, e os aborrecimentos porque passou Diderot. Sob as suas vistas fez arrumar e fechar dezesete caixas que, em consequencia da cheia do Sena, ficaram tres mezes entre "céo e agua" antes de serem enviadas a Rouen. Emfim, o philosopho soube com verdadeira satisfação que tudo chegara em perfeito estado.

Betzki, que avisou Tronchin dessa feliz chegada, enviou-lhe em nome da soberana os agradecimentos, e uma pelle de "marthe zibeline", propria para a confecção de um casaco.

Havendo triumphado uma vez, Diderot achou acertado triumphar uma segunda e uma terceira. Assim, adquiriu para a imperatriz no leilão Choiseul: uma "Chasseauef", de Vouwermans, á razão de 108.000; dois Murillo, um Terniers, um Rembrant e um Rubens.

Comprou por um pedaço de pão, a um jogador arruinado, o marquez de Conflans, dois quadros de Poussin, um pouco gastos pelo tempo, o qual fez reparar e expedir para á Russia. Bateu á todas as portas, apoderou-se de todos os objectos de arte, recolheu todos os quadros e todas as estatuas que encontrou. "Nós (os francezes) somos espertos como os ratos de igreja, escreveu elle á imperatriz. Vendemos nossos diamantes, e despojamos nossas galerias para reparar as devastações do "controleur" geral".

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro - 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Diderot e Catharine II

(CONTINUAÇÃO)

E continúa a encaixotar e a enviar á Russia tudo que de raro e bello lhe cáe nas mãos.

Afinal, a opinião publica se commove, os ministros se inquietam do exodo de tantos quadros e objectos de arte. Diderot dá de hombros e chama de "imbecies" a esses retardatarios do espirito publico.

Entretanto, apezar de seu zelo, todas as provas de devotamento que Diderot acabava de dar á Catharina II, não eram em summa, como muito bem diz o Sr. Ducros, que provas indirectas.

Algum dia iria elle agradecer á sua bemfeitora.

Em Julho de 1767, em uma carta dirigida a Falconet, fazia a promessa solemne de ir ajoelhar-se aos pés de sua protectora".

O tempo passava, e Diderot não falava mais em viagem á Russia.

Na verdade, o philosopho não ficaria zangado de tivessem esquecido a palavra imprudente que deixára escapar em um desses momentos de effusão sentimental que lhe eram tão habituaes.

Por natureza, o autor do "Pae de familia" era preguiçoso. Gostava de viver tranquillamente na rua Taranne uma vida tranquilla, entre a familia e os amigos, admiradores, e as bellas admiradoras dos salões de Paris. Não gostava de viajar e comparava um viajante a um homem que sente prazer em ir da — adega ás aguas-furtadas, das aguas-furtadas á adega. — E naturalmente chamava com todas as suas forças os pretextos que pudessem retardar, ou mesmo tornar impossivel sua partida para a Russia.

Falava mesmo da saude de sua esposa, que era enferma e "sexagenaria", escreve elle, de sua filha, de seus inimigos "que hoviam jurado envial-o ao Fer-l'Evêque" e perante as quaes não desejava parecer que se afastava sob pretexto de uma viagem. E faz mais, inventa grandes trabalhos que o impediam de fugir através "les eteppes".

Desenvolve o plano de um fantastico Diccionario da lingua, que apparecia em francez, em latim e em russo, graças ao qual, os philosophos conseguiriam emfim impor as suas idéas á Europa inteira. Tudo são desculpas que a imaginação de Diderot pouco a pouco inventa, desvairado pela idéa de uma viagem de oitocentas leguas em um paiz cuja lingua ignora, por caminhos impossiveis e detestaveis meios de transportes.

Emfim, em 1768, eil-o doente e aconselhado pelos medicos ao regimen lacteo, desta vez consegue serio pretexto para ficar em Paris.

Mas a imperatriz Catharina é tenaz como o seu bibliothecario. Ella o persegue, supplica e atormenta com suas cartas, tanto e tão bem, que afinal Diderot resolve-se a partir.

Em Paris todos se commovem e maldizem "a fantasia dos grandes", deploram sua partida, e nos circulos que elle frequenta lamentam não mais ouvirem a sua voz vibrante e enthusiasta, não mais assistirem ao bello retenir de idéas que elle fazia perceber.

A côrte tambem se commove, porém, por outro motivo, pouco faltando para o rei impedir a partida do philosopho.

Uma tarde, em casa de Mme. du Barry, Louis XV ouve falar desse projecto. "Que vae Diderot fazer lá tão longe? disse elle. Não o creio tão rico para emprehender semelhante viagem. — Elle não vae á sua custa, responde o principe de Soubise, é Sua Majestade a imperatriz quem faz as despezas. — Que deseja delle a imperatriz? Não me haveis falado sobre esse assumpto, Sr. d'Aiguillon. — Sire, não vejo nada de diplomatico nessa viagem".

Louis XV, contrariado, continúa: "Diderot dirá mil horrores de minha vida privada, falará mal de mim apenas descubra que terão prazer em ouvil-o".

Immediatamente propuzeram mandar uma carta de segredo, mas o rei não acceita: "Ficaria malquisto para com a Imperatriz. Ella me votará odio de morte; disse elle. A Imperatriz deseja Diderot. Pois bem, que parta. Essas soberanas estrangeiras têm a mania de tomarem da França os nossos homens de letras.

Que vá á Russia, mas emquanto eu viver, elle não entrará para a Academia. Não quero mais saber dos philosophos, dos atheus, já temos muitos!"

Finalmente, em 21 de Maio, Diderot consegue partir. Apezar de sua pouca experiencia em viagens, partiu só.

Em Bruxellas uniu-se a um commerciante de vinhos hollandezes, chamado Van Keulen, que se incumbiu de reger as despezas dos dois até o fim da viagem.

Em Haya, Diderot é admiravelmente acolhido no palacio dos principes de Galitzin, que o recebeu "como um bom irmão e uma boa irmã".

Do que foi a vida ali, nos diz Mlle. Volland, nos seguintes termos:

"Os passeios são encantadores, e não sei se as mulheres são muito prudentes, porém, com seus grandes fichús enrolados ao pescoço, têm o ar de quem vae para o confessionario.

Os homens têm juizo, comprehendem muito bem os seus deveres e estão compenetrados do espirito republicano...

"A princeza (Galitzin) é muito viva, alegre, espirituosa, de aspecto bastante agradavel; joven, instruida, intelligente, leu muito, sabe diversas linguas, (como é uso na Allemanha), toca o clavicin e canta como um anjo, na conversação emprega phrases picantes e ingenuas... E' duma extrema sensibilidade, demais talvez para a sua felicidade — como possue conhecimentos e justiça, discute como um pequeno leão.

Amo-a loucamente...

E' aqui que se emprega bem o tempo. Não ha importuno para vos fazer perder toda uma manhã; ha apenas um senão — levantam-se e deitam-se muito tarde — nossa vida aqui é sobria e retrahida.

"...quasi não saio, e quando o faço, é para ir até á beira do mar que ainda não vi nem calmo, nem agitado; a intermina planicie, convida ao sonho, e... é ahi onde sonho melhor...

Entretanto, era preciso deixar esse agradavel logar, onde elle acabava na mais perfeita paz, "Jacques o Fatalista", o "Nereu de Rameau"", a "Réputation d'Helvetius", para retomar o curso de sua viagem.

Põe-se a caminho em 17 de Agosto de 1773, em companhia de Narischkine: "Cruel homem! escreve Grimm a Nesselrode, deixa passar a bella estação, e considera a viagem a Pétersbourg como um passeio da rua Taranne á rua Sainte-Anne".

O trajecto foi dos mais penosos. Passaram por Dresdem ao em vez de Berlim. Com grande descontentamento de Grimm e Frédéric. Em Dinsbourg, Diderot adoece, e foi tratado pelo celebre medico Leidenfrost. Chegam a Petersbourg em 10 de Outubro. Uma profunda decepção esperava-o. Os laços de amizade que o prendiam a Falconet lhe pareciam bastante fortes para elle lhe offerecer hospitalidade. Na verdade, Diderot jámais pensou hospedar-se em outro logar que não fosse a casa do esculptor.

"Meu pae, diz Mme. de Vandeul, queria ficar em casa de Falconet, pois elle chegou com violentas colicas, provocadas pela mudança das aguas e do clima. Falconet recebeu-o friamente, dizendo "que sentia-se muito pesaroso por não poder hospedal-o, pois seu filho, chegado ha poucos dias, occupava o leito destinado ao philosopho".

Meu pae não podendo resolver-se a procurar um albergue em um paiz do qual desconhecia os habitos, escreveu ao principe de Narischkine supplicando-lhe hospitalidade. O principe conservou Diderot junto a elle até o momento da partida para França.

A carta que meu pae escreveu sobre a frieza com que o recebeu Falconet, córta o coração. Elles se encontraram diversas vezes, durante a estadia de meu pae a Petersbourg, mas a alma do philosopho estava para sempre maguada".

Entretanto, outras consolações o esperavam. Logo que chegou a Pétersbourg, Diderot, membro estrangeiro da Academia de Bellas Artes, foi nomea-

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Alphonse Séché e Jules Bertand

do, ao mesmo tempo que Grimm, membro titular. Emfim, recebeu de Catharina II, magnifico acolhimento.

O palacio de l'Ermitage, onde Catharina recebia os seus intimos, fôra construido segundo as suas ordens, em 1766, proximo ao Palais d'Hiver, e teve por architecto o francez Vallin de la Mothe. Era um pequeno palacio no estylo Louis XV, muito delicado, onde terminado os negocios do Estado, a imperatriz gostava de recolher-se na intimidade de seus amigos e familiares... Os dois palacios eram guarnecidos por uma galeria.

Diderot logo que viu a imperatriz, ficou deslumbrado, arrebatado: "Sim! a vi, a ouvi, e vos juro que ella não sabe todo o bem que me fez. Que soberana! Que mulher admiravel!"

A proposito dos habitos de Catharina, Sabathier de Crobes escreve:

"Catharina está longe dos excessos de que a accusam. Murmura-se que ella se deixou levar por certas fraquezas, nada, porém, ficou provado, além dos tres compromissos, aliás, muito conhecidos, com M. Soltihow, o rei da Polonia, e o conde Gregoire Orlow. Sua paixão por este ultimo, é sem exemplo, e não póde ser explicada sinão pela tenacidade de suas idéas.

"Primeiramente amou-o com idolatria, e amparando o odio que votaram ao seu favorito, elle ganhava no seu conceito aquillo que o habito podia fazel-o perder no seu coração".

Seu exterior é nobre, grande, affavel, delicado e altivo".

O principe de Ligne ajunta "que ella era alegre e mesmo sincera e simples na conversação".

O facto é que a côrte da Russia não devia ser muito severa no protocollo. Diderot atravessando as vastas salas do Palacio de Inverno, viu escripto sobre as paredes esse estranho aviso:

"Assentae-vos se isso vos agrada, sem que seja preciso vos repetir cem vezes. A dona da casa não gosta de cerimonias, que cada um esteja aqui como na sua propria casa".

Essa sem-cerimonia não era o que melhor convinha ao philosopho. Assim, elle mesmo apreciava cada dia "o talento da imperatriz em pôr todo o mundo á vontade". Diderot installou-se "toma a mão da soberana, sacode-lhe o braço e bate na mesa como se estivesse na synagoga da rua Royal.

Catharina sentia muito prazer em conversar com Diderot, achava-o muito interessante, admirava-lhe o espirito brilhante e seus vastos conhecimentos.

As conversações com Diderot, nem sempre eram agradaveis, pois elle não falava sem acompanhar as palavras de grandes gestos e de soccos sobre a mesa. Catharina escreveu um dia á Mme. Geoffrin: "Vosso Diderot é um homem bem extraordinario, quando terminam as nossas conversas tenho sempre as pernas maguadas e roxas, fui forçada a collocar uma mesa entre nós, para abrigar-me das suas gesticulações".

O philosopho e a imperatriz conversam sobre tudo, literatura, philosophia, politica, Diderot expunha-lhe as suas idéas sobre o governo dos povos Catharina deixava-o falar, escutando-o com attenção, de modo que o encyclopedista pensava havel-a convencido.

"Diderot é uma cabeça bem extraordinaria, dizia Catharina nas suas cartas a Voltaire, e que não se encontra outra igual". Essa cabeça furiosa, essa imaginação inexgotavel, deveria mais de uma vez impacientar e aborrecer aquella que o principe de Ligne appellidou a "Imperturbavel"...

"Converso longamente com Diderot, disse Catharina, porém, com mais curiosidade que proveito. Se tivesse seguido os conselhos do philosopho tudo estaria perturbado no meu Imperio, legislação, administração, politica, finanças, tudo teria destruido para substituir por impraticaveis theorias".

Entretanto, como sempre escutava mais do que falava, quem nos visse diria que era um severo professor falando á sua humilde discipula.

Provavelmente, elle tambem pensava assim, pois no fim de algum tempo percebendo que não havia nenhuma mudança no meu governo, não occultou a sua surpresa e o seu descontentamento.

Foi, então, que com toda a franqueza lhe disse: "Sr. Diderot, ouvi com grande prazer tudo que o vosso brilhante espirito vos inspirou, porém, com todas as vossas theorias, as quaes comprehendo perfeitamente, far-se-iam bons livros e máos negocios. Trabalhaes sobre o papel que tudo supporta, que é unido, seguro, que não oppõe nenhum obstaculo, nem a vossa imaginação, nem á vossa penna, emquanto que eu, pobre imperatriz, trabalho sobre a pelle humana, que é muito mais irritavel e delicada.

Desde então elle me lamenta, considerando-me um espirito estreito e vul-

gar. A politica desappareceu das nossas conversas.

Diderot, aos poucos se acostumava em Petersbourg, e á medida que vivia na Côrte sua familiaridade para com todos augmentava.

A verdade é, que Diderot assombrara toda a Russia. Nunca abaixava a voz, sempre gesticulando e andando de um lado para o outro nas salas do palacio, abordava familiarmente todas as pessoas que encontrava, algumas vezes mesmo, sem conhecer, discursava com ellas; e respondia ás suas exclamações por uma torrente de palavras; tomando-as pelos botões do casaco, levava-os para o vão de uma janella, e, com o auxilio de epithetos procurava demonstrar onde estava a verdade, e tomava a cada instante a imperatriz por testemunha, gritando e gesticulando e batendo com o pé no chão.

Para elle tudo era motivo de discussão.

Diderot não se contentou de só frequentar a Côrte, onde se tornou um dos hospedes mais intimos, frequentava tambem o theatro, no qual a imperatriz fez representar a sua peça: "O pae de familia", a casa do Dr. Clerc, de Mme. Sophia, e de La Fonte, do principe Galitzin e dos Orloff, "que são generosos, francos, e honestos". Apezar do seu resentimento com o artista, foi ver o modelo da estatua equestre de Pedro I no "atelier" de Falconet.

Máo grado todas essas distracções e prazeres, Diderot aborrecia-se assim tão longe de sua casa, de seu café, dos encyclopedistas e amigos.

Diderot demorou-se sete mezes em Petersburg, o tempo necessario para demonstrar á Catharina o reconhecimento de seu bibliothecario, para com a sua soberana.

Antes de partir, o philosopho pediu á imperatriz um objecto de seu uso. Catharina lhe offereceu um annel com o seu retrato.

Diderot estima essa joia mais que todos os thesouros do mundo, nos diz Mme. de Vendeul.

No dia de sua partida, Diderot chorava copiosamente; Catharina tambem estava muito commovida.

A imperatriz lhe deu como companheiro de viagem um grego muito attencioso que o conduziu até á Hollanda.

Nos primeiros dias de Outubro de 1774, seguiu definitivamente para a França.

"E o lazaro, feições deformadas, esmulambado, espicaçado pelo desejo, olhava tristemente para o quintal do vizinho. Que via o misero e o desgraçado ahi, que lhe fazia assim vibrar todos os sentidos, se é que ainda os tinha ? Que via ahi o morphetico ? Pobre e horrivel trapo humano, tambem elle, o renegado da vida, o pestilento, o homem que de ninguem se approximava, tambem elle amava ! Mas o seu amor não era o amor de candura ou de innocencia, o amor daquelles que se amam mutuamente. Era o amor-desejo, o amor sexual. E um dia, quando mais forte era o seu paroxismo, salta o quintal vizinho..."

INTROITO DE "LAZARO", A TRAGICA NARRATIVA DE EDIGAR DE ALENCAR, QUE "O MALHO" PUBLICA EM SEU NUMERO DESTA SEMANA, A' VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAES.

Senhor Harry Kosarin e sua cunhada de passagem pelo Rio de Janeiro.

Concluiu brilhantemente o curso no Instituto Nacional de Musica, a intelligente e estudiosa senhorita Juracy de Faria, alumna da professora Haydée Hall Myll. A distincta laureada é filha do funccionario da Alfandega desta Capital, senhor Fernando Neves de Faria.

A mais luxuosa e a mais completa revista cinematographica.

OS PEQUENOS LORETTI

cançonetistas e dansarinos que têm andado por todos os theatros do Brasil, sempre queridos e admirados.

Inscrevei-vos na CRUZADA PELA EDUCAÇÃO

ENSINANDO A LER E ESCREVER A TODOS QUE COMVOSCO VIVEM E TRABALHAM

VAQUEIJADA

(A J. Carlos)

Passa lentamente o pelotão tristonho
dos grandes bois cinzentos e pacientes.
Vem de longe,
dos largos taboleiros,
das ultimas pastagens
dos longinquos ermos
que a secca ex'cou...

O vaqueiro de couro revestido,
derreado na sella fuma e pensa...
emquanto o luar descobre opalas
nas folhas dos arbustos pela estrada...

Fazem caminhos sob os cascos rudes,
correm os rios, ao lado, doidamente...
Serras e barrancos
suavemente,
inclinam-se á cadencia desse tardo passo.

De imprevisto, porém, penetram a matta,
e o crescente da lua,
de repente,
desce do céo e vem fulgir no escuro,
na ponta de aço desses bois dolentes...

EDGARD BRAGA.

POEMETOS

O HOMEM QUE PASSOU — Elle passou mudo e cabisbaixo por entre a turba immensa, feio e indifferente como uma estatua.

Talvez recordando as amarguras da sua vida inutil de pária e desprezado.

Talvez sonhando um novo mundo, melhor, muito melhor, onde pudesse repousar de sua longa e tenebrosa jornada.

Talvez chamando a dôr profunda dos desgraçados que nunca tivessem um carinho, um affago, uma palavra de amor.

Talvez tantas coisas mais !... Tantas coisas !...

E ao vel-o passar, senti um desejo immenso de abraçal-o e de lhe dizer: "Dá-me tua mão, amigo, e sigamos juntos..."

QUANDO CHORA O CÉO... — Eu gosto desses dias nublados em que o céo chora sem cessar, molhando a terra com seu lacrimejar monotono e triste.

Desses dias em que o vento canta uma canção que é um lamento melancolico, canção que nos faz recordar um amor que passou e que não volta mais, nunca mais...

Desses dias em que a passarada, espavorida, vôa de ramo em ramo sem saber onde se esconder.

Eu gosto desses dias porque elles são como a minha alma; esta minha pobre alma sempre ennevoada, sempre tristonha, sempre sombria...

VELHICE: NOITE SEM LUAR... — A tarde agoniza num queixume lugubre, delirando nos braços da noite.

Paira no ar um mal estar immenso, profundo.

Perfumes de flores que se entreabrem lentamente...

O éco de um sino que badalou ha muito tempo...

Uma densa obscuridade envolve o jardim que se povôa de mysterio e de sombras movediças.

Da minha janella contemplo os ultimos alentos da tarde e tento, em vão, afastar de minha mente um pensamento que nella baila furiosamente, sem cessar: que tu és como essas tardes lindas, lindas e que, pouco a pouco, tambem te envolverão as brumas de uma noite sem luar...

GINO CORTOPASSI

(São Paulo)

NOVIDADES PARA 1930

FIGURINOS

Paris Elegante — Um dos melhores jornaes de modas, com lindos contos e paginas coloridas.

La Femme Chic — Trazendo as ultimas creações, com varias paginas a côres.

Chic Parisiense — Creação das melhores casas de Paris, Vienna, etc. Innumeras paginas com modelos coloridos.

La Mode Parisienne — Figurino de grande formato, trazendo uma folha de riscos para cortar moldes.

Modas y Pasatiempos — Bom figurino, apezar do seu baixo preço. Traz folha de riscos para cortar moldes, riscos para bordados, arranjos de casa, etc.

Record — Lindo figurino, de pequeno formato, colorido, com folha de riscos para cortar 4 moldes para senhoras e 1 para creança.

Revue des Modes — Figurinos de pequeno formato, com varias paginas a côres, trazendo folha de riscos para moldes.

Weldons L. Journal — Com moldes cortados dos modelos em varios idiomas, inclusive o portuguez.

Paris Mode—Edition Gaston Drouet, de Paris — com varias paginas coloridas, trazendo um molde cortado.

ALBUNS DE GRANDE FORMATO PARA VERÃO — 1930

Saison Parisienne — Revue Parisienne — Grandes Revue de Modes — Tout La Mode, creation Gaston Drouet, com lindos modelos. — **Album Pratique de La Mode — La Mode de Eté — La Parisienne — Les Patrons Fa-varies — Juno — Astra — Juno Esplendid — Fashion Quartely — Butterick Quartely — Weldons Cátalogo Fashion — L'Elegance Feminine**, lindo album todo colorido.

FIGURINOS PARA CREANÇAS

Weldons Children's, com moldes cortados. — **Paris Enfant — Les enfants de La Feme Chic — Enfant Juno — Jeunesse Parisienne — La Mode Infantil — Enfants de Jardins des Modes — Star Enfant**, com lindos modelos para a estação.

FIGURINOS PARA ROUPAS BRANCAS

Lingerie des Jardins des Modes — Lingerie Elegant — Lingerie de Juno — Lingerie de La Femme Chic, etc.

Nossos amaveis freguezes poderão honrar-nos com o prazer de sua visita, pois, além destes, possuimos innumeros outros jornaes de modas, sendo impossivel enumeral-os todos. Grandes sortimentos de jornaes para bordados. Albuns para filet, tricot, crochet. Modelos des Ouvrages, etc. Apezar do grande augmento soffrido em quasi todas as publicações estrangeiras, continuamos a vender o nosso artigo pelos preços antigos.

ULTIMAS NOVIDADES EM LITERATURA

FRANCEZA — Maurice Barrés, **Un jardin sur L'oront**; Ernesto Perochon, **Les Creux de maisons**; Georges Sim, **La Femme qui Tue**; Maurice Barrés, **Mes cahirs**; Alexandre David, **Noel — Mystiques et Magiciens du Tibet**; Octave Honberg, **L'Ecole des colonies**; etc. **Collection La Liseuse**, temos todas as obras publicadas.

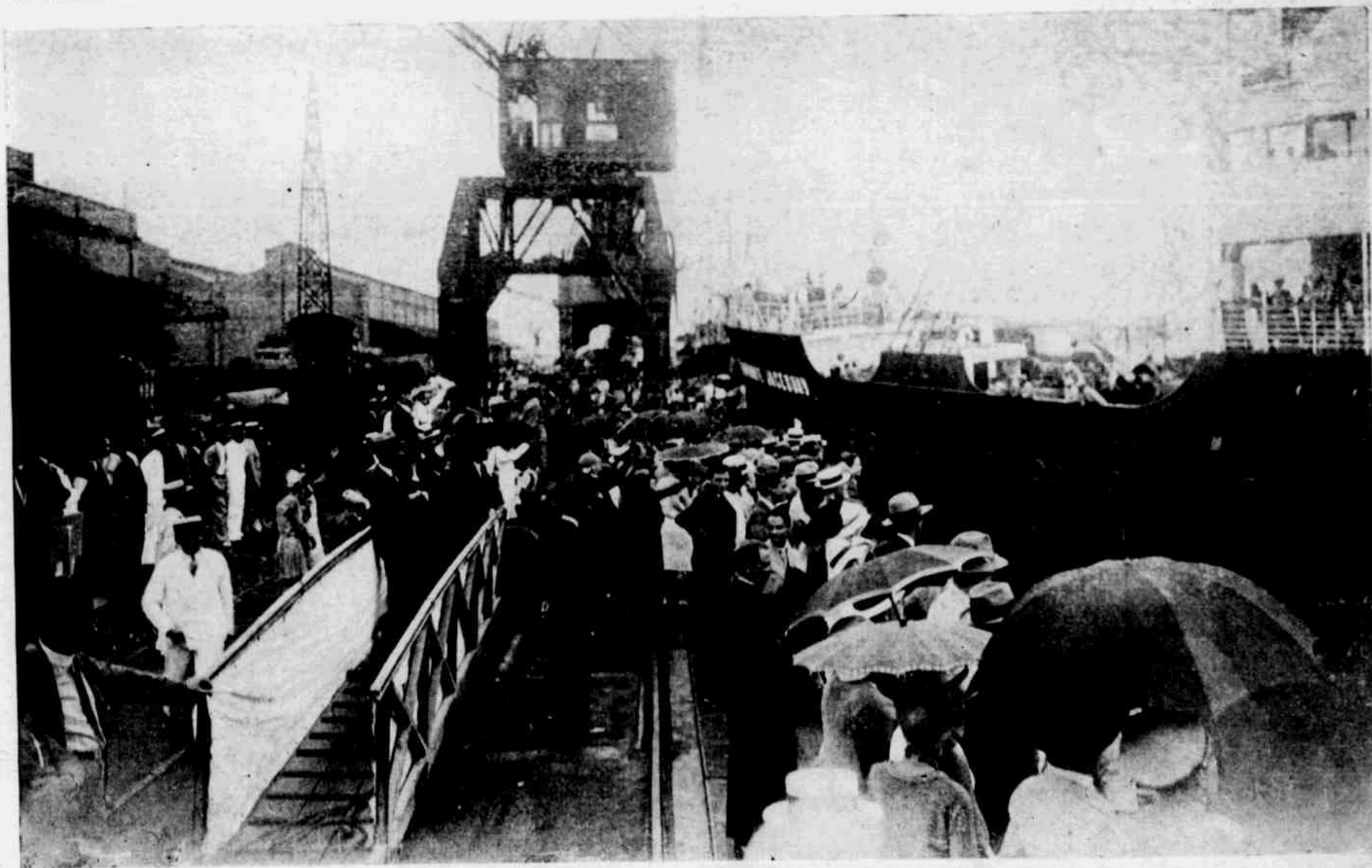
HESPANHOLA — V. Stefansson, **Un año entre esquimales**; Antonio Espina, **Luiz Candelas, el bandido de Madrid**; Pierre Loti, **Pekin**; Juan Zorilla, **Los principes de la literatura, La mode Siglos XIX-XX**; Martins Guzman, **La sombra del candilo**; Gerhard Rohefs, **Através del Sahara**; etc., etc.

PORTUGUEZA — Orlando Rego, **Manual do Charadista**; Britto Pereira, **Contabilidade de conta corrente**; Alice Leonardos S. Lima, **Ouvindo Estrellas**; Malba Tahan, **Lendas do Deserto**; Ardel, **Coração de Sceptico**; Claudio de Souza, **De Paris ao Oriente**; Peregrino Junior, **Pussanga**; G. Acremente, **Serracena**; Jugurtha C. Branco, **O Brasil em Cuecas**; Cervantes, **D. Quixote de la Mancha**, obra de grande vulto, com illustrações de Dorét. Publicados 1º e 2º fasciculos. **Historia da Literatura Portugueza**, publicada sob a direcção de Albino Forjaz Sampaio. Publicado o 1º volume.

A correspondencia do interior deve vir acompanhada do sello para a resposta e dirigida directamente á

CASA BRAZ LAURIA

RUA GONÇALVES DIAS, 78

Telephone 3-5018 Rio de Janeiro

Instantaneo no cáes do porto, quando sahia um transatlantico

PETROPOLIS

Domingo de manhã depois da missa

O ritmo da cidade em movimento

UMA chuva quente de ouro cáe na terra o dia inteiro. Na terra de Sol da America.

No calor do dia tropical as energias acordam, realizadoras...

A cidade dinamica avança pro céo. Os homens multiplicam-se. As machinas resfolegam. Os peitoraes negros envernizam-se de suor.

E' a vida da cidade maravilhosa que se desdobra vibrante pro progresso que vem ahi...

Os elevadores sobem e descem, descem e sobem, levando gente e mais gente.

— Toca pro decimo quinto!

— Pro vigesimo!

Lá dentro as salas e as bancas, as mulheres e os homens suando e trabalhando.

Dinamismo de gente nova que quer mostrar pro mundo que America é America...

O dia todo é agitação. Correria pro trabalho. Lufa-lufa. Até que as luzes fulminam o asfalto negro e a agitação vae morrendo.

Omnibus, autos e bondes carregam a cidade extenuada.

Os arranha-céos despejam aos borbotões golfadas de gente.

Pressa.

Cansaço.

Exgottamento.

Fome.

E o movimento se dilúe na serenidade da noite cheia de estrellas... Os homens descançam. As maquinas pararam. Os negros tambem pararam...

Na cidade ziguezagueiam os clarões vermelhos, azues, roxos, verdes dos annuncios luminosos.

A tristeza enche os cabarés. Champanhe. Tangos e mulheres tristes. Um parentesis feio na belleza da noite que começa...

Nos bairros distantes, onde não ha annuncios luminosos quebrando a harmonia do céo bonito, a lua é o Sol que se escondeu pra não estragar a alegria dos namorados...

A gente que ama enche as calçadas, enche os portões, aos pares.

Risadas. Beijos. Os beijos gostosos que queimam os ouvidos do jovem-que-passa-sozinho...

Conversas ingenuas andam na noite clara.

— E você gosta de mim?...

— Gosto...

— Não acredito. De mais ninguem?...

— Só de você, bemzinho...

Coisas ridiculas e lindas assim...

E a vida que segue...

Somno.

As calçadas ficam desertas, os portões se fecham, e já não ha rumores de beijos na noite clara...

Por Dante Costa

Agora é assim nos studios durante a filmagem.

Girls aprendendo a cantar para os films sonoros.

Norma Talmadge deante do microphone

A Conquista Hollywood

Pelo Film Falado

HOUVE uma verdadeira revolução na industria cinematographica americana: o film falado substituiu, por completo, o film mudo. Em Hollywood trabalha-se dia e noite para produzir *talkies*. Todos os *studios* foram modificados de accordo com os films falados, com uma unica excepção: o de Charles Chaplin. Chaplin é o unico adepto da arte muda. Recusa-se a admittir o film sonoro, reclamado por todo o publico americano e, pelo menos por emquanto, vinga-se não produzindo nada.

Essa voga dos films sonoros será passageira ou duradoura? O que é certo é que, tão grandes capitaes foram empregados na recente transformação que será um desastre financeiro se não houver tempo de os amortizar. O visitante que, depois de um ou dois annos de ausencia, volta a Hollywood tem uma curiosa impressão diante da mudança operada.

As mais importantes firmas cinematographicas americanas são, hoje em dia, propriedade ou vivem sob o controle de grandes companhias electricas. Essas não se interessam pelo Cinema nem pela arte. Consideram-no como qualquer outra industria; é como si se tratasse da fabricação de cabos electricos, de apparelhos frigorificos ou de vibradores para massagem.

O film não é para ellas sinão um objecto como outro qualquer, para ser manufacturado nas melhores condições possiveis, visando o beneficio commercial. Ora, não ha beneficios a esperar do film sonoro nos Estados Unidos. Ha vinte e cinco annos o publico pagava para vêr na téla as imagens animadas, sem se importar com a qualidade dellas. Agora, o publico exige que a téla fale e cante, sem dar attenção ás censuras que Carlitos e alguns criticos cinematographicos fazem ao film falado, ao qual accusam de destruir a verdadeira arte do Cinema.

Novas figuras appareceram em Hollywood. Os technicos da industria electrica são, na maior parte, moços ha pouco sahidos das universidades e dos laboratorios e que, ainda não tinham posto o pé num *studio*. De um dia para o outro tornaram-se chefes e tudo deve dobrar-se diante da autoridade delles. Essa intromissão não se deu sem choques. O antigo pessoal, com os seus habitos e as suas tradições, os velhos *cavallos de rodeio* do Cinema, empregaram toda a má vontade em auxiliar os novos cuja efficiencia contestavam. Mas os actuaes directores dos *studios* ameaçaram dispensar homens e mulheres *mettems en scéne* ou estrellas dos de maior fama, si se mettessem a atrapalhar os jovens engenheiros electricos.

O aspecto dos studios tambem mudou por completo. Uma disciplina meticulosa e absoluta substituiu a alegre camaradagem de outróra. Passaram a ser o templo de um novo deus: o silencio. Nelles vive proscripto de fórma impiedosa irreconciliavel inimigo do registro sonoro: o barulho que não é mais permittido de nenhum modo. As paredes estão calafetadas, os assoalhos estão calafetados, todas as portas estão com um espesso alcochoamento. Quando se ascende a lampada vermelha que annuncia a todos que vae ser filmada uma scena falada, um guarda de sandalias de feltro tranca e põe cadeado em todas as portas de entrada; nem mesmo um *ukase* do tsar do Cinema americano, Will Hays, poderá mandar abril-as. Nenhum visitante estrangeiro é admittido. Tudo tomou um ar de mysterio e de segredo. *Metteurs eu scéne*, actores, operadores, machinistas, operarios, conservam-se parados, não ousando siquer trocar uma palavra e prendendo uma tosse desastrada ou um espirro, que não deixariam de ser apanhados pelo microphone.

Acabaram-se os ventiladores que renovavam o ar e as orchestras que distraiam e estimulavam o trabalho. Sacrificaram um milhão de dollares de lampadas de carvão, que foram atiradas ao abandono por causa do ruido que fazem. Substituiram-nas por lampadas incandescentes, que são silenciosas, mas que aquecem a atmosphera de uma maneira intoleravel e transformam os *studios* em estufas. Para impedir que os operadores, fechados hermeticamente em cabines, morram asphyxiados, quando o trabalho se prolonga, enviam-lhes ar fresco e oxygenio por meio de um tubo.

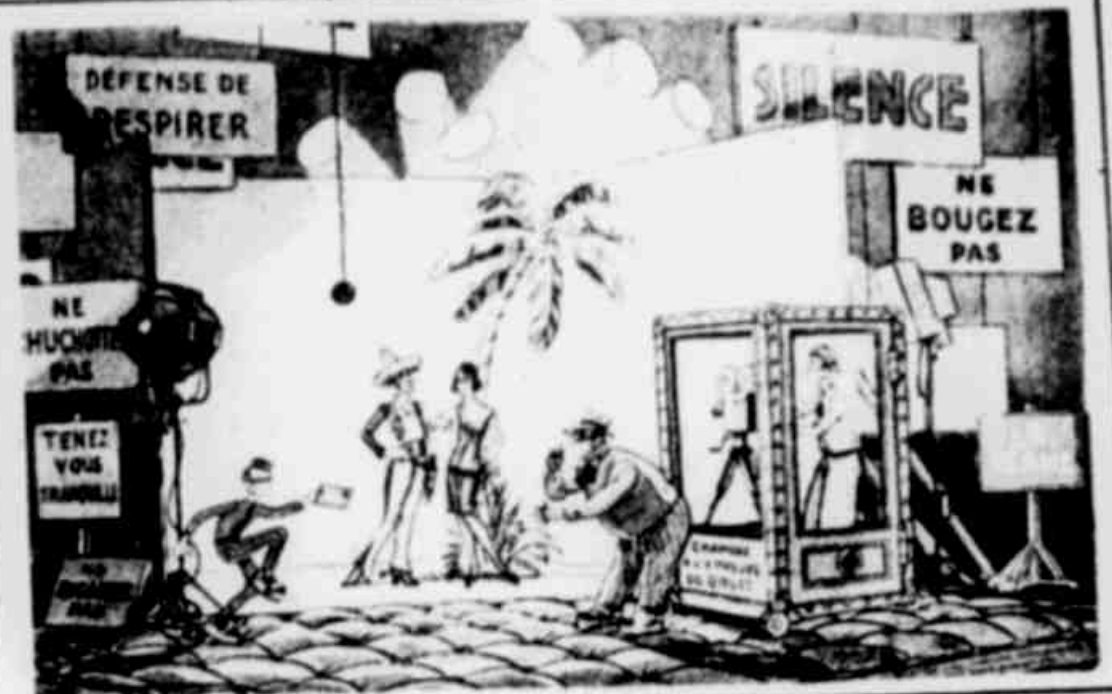
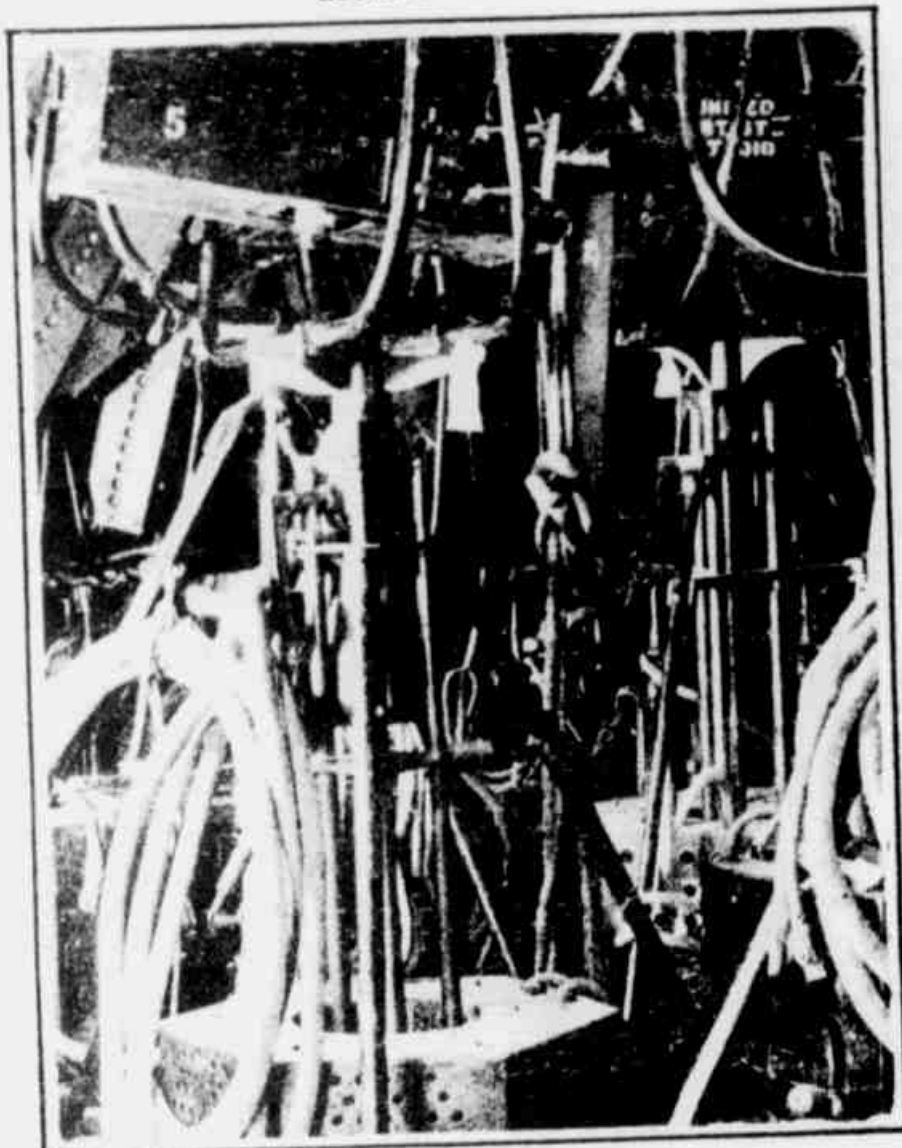
O director do film que reinava antigamente no *studio* como dictador absoluto, tem agora alguem acima delle de quem recebe ordens: o chefe do registro sonoro, ou o *contro-*

Filmagem de um film silencioso

Filmagem de um film sonoro

lador do som. Sempre que terminam a filmade uma scena fazem a projecção da mesma diante de todo o pessoal do studio, afim de verificar si o registro está bom ou se é preciso refazel. E' o que se chama "play back".

O *talking* não dá mais lugar a improvisos. Tudo tem que ser combinado antecipadamente: o scenario, o texto, os rumores. E tambem não é mais possivel, devido ao synchronismo sonoro, filmar muitas vezes a mesma scena para obter as differenças de planos. E' necessario gravar ao mesmo tempo os *long shots*, os *medium shots* e os *close ups*.

Geralmente a photographia dos *talkies* é menos perfeita do que a dos films mudos. E' preciso dizer, que o publico americano reconhece isso, é sobretudo a novidade que o interessa. Tambem os *talkies* confeccionam-se mais depressa do que os antigos films: primeiro porque não se perde tempo recomeçando cinco ou seis vezes a mesma scena, com o pretexto de que a estrella não está favorecida; emfim porque as partes faladas consommem muitos metros. Si se puzer de parte as despesas de amortização do material, que são formidaveis, o film falado ficará mais barato do que o film mudo.

Quando o film falado perder a attração do inedito, é provavel que o publico se mostre mais exigente e então já terá passado o periodo dos primeiros passos e com a experiencia obtida poderão melhoral-o.

Uma consequencia fatal do film falado é a modificação dos valores do artista. As qualidades photogenicas são agora, secundarias ou, pelo menos, insufficientes. E assim, por exemplo, as famosas *Bathing Beauties* de Mack Sennett, cuja plastica impeccavel fez a fortuna de tantos films, na maior parte, tiveram que deixar o cinema por não poderem cantar. Apenas Thelmas Hill resistiu ás exigencias do microphone.

As girls que, antigamente, eram simples figurantes, são hoje obrigadas a possuir algum talento vocal e instituiram, para ellas, cursos de canto, em todos os studios.

No principio imaginaram que os artistas de theatro eram os mais recommendaveis para os *talkies* e uma multidão delles correu de New York para Hollywood. Mas o publico cinematographico mostrou-se refractario a dicção ficticia dos profissionaes. E, neste momento, as antigas estrellas do cinema readquirem progressivamente o lugar que haviam perdido nos *studios*.

Um dos problemas mais graves dos films falados é o dos mercados estrangeiros. Outro inconveniente é que o film falado impede de conservar a interpretação eclectica que se sentia, cada vez mais, no film mudo, onde filmavam, ao lado um do outro, actores de todos os paizes. Os Americanos não renunciaram a utilizar os estrangeiros, mas, impondo-lhes um texto inglez, confiam-lhes papeis de francezes, allemães, espanhoes ou russos, em que a pureza de pronuncia não é indispensavel.

Recentemente produziram num *studio* de Hollywood, um film sonoro, e falante que é, ao mesmo tempo, um film, colorido, e póde-se, desde já, prever o momento em que a pratica se generalizará. Nesse dia, aos *profissionaes do* juntarão os *profissionaes da côr*, o que dará sem gastos e complicações. Mas parece muito complicado nem muito caro, em Hollywood, quando se trata de satisfazer os gostos do publico cinematographico.

JAMES ABBÉ.

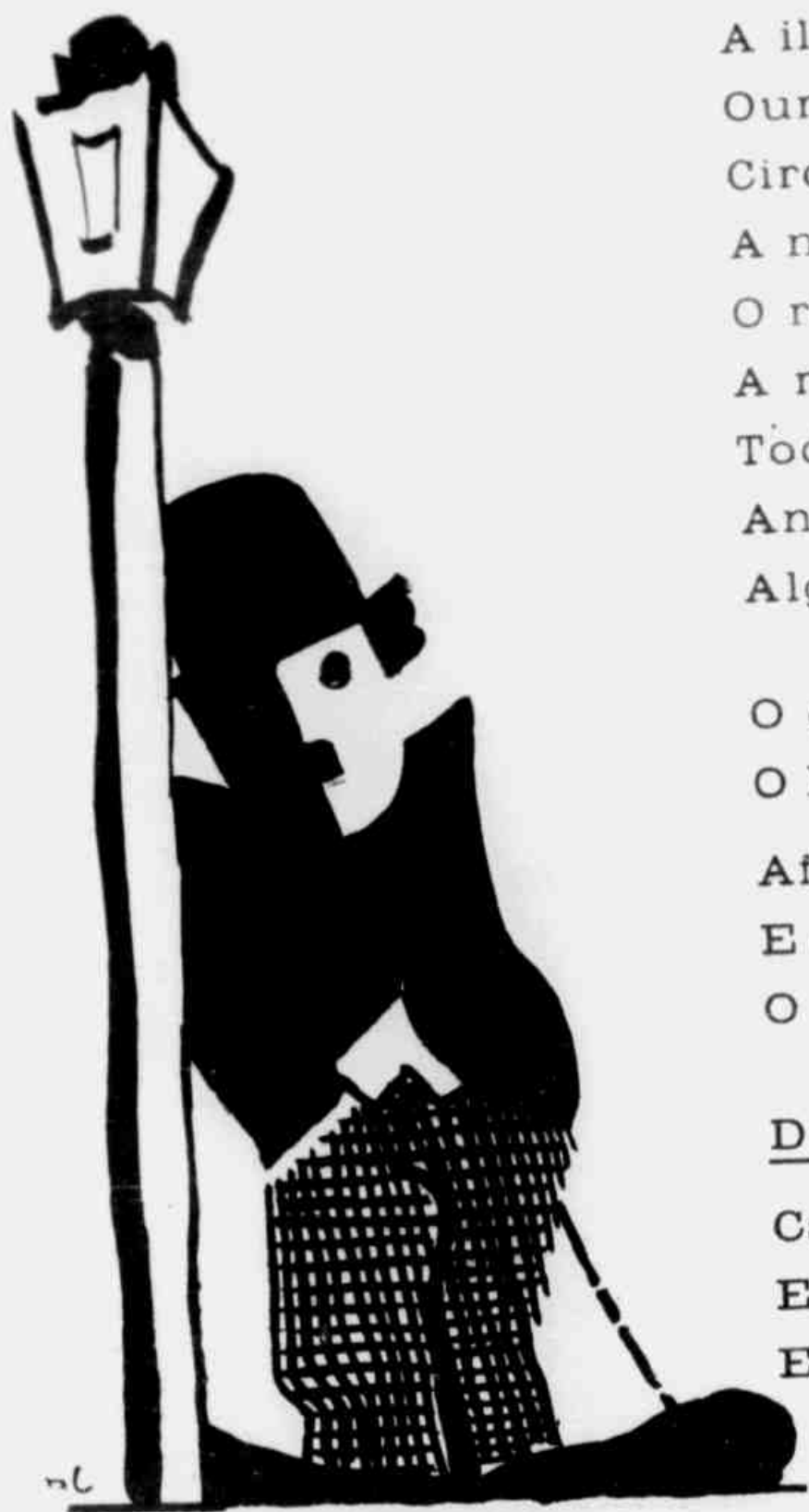
Um cemiterio de lampadas que, pelo rumor que faziam, morreram para as filmagens actuaes

O novo pessoal dos studios: engenheiros electricistas sahidos ha pouco da Universidade

CHARLES CHAPLIN

POR

SEBASTIÃO FERNANDES

DESENHO
DE
DI CAVALCANTI

Eu sabia que você era poeta
Sem mesmo aparecer "Inmost-self"...
Você que sentindo a solidão em
[Kennington-Park
Viu como são tristes todos os parques...

Nos seus films, não dei atenção, como toda
[gente faz,
A' cartola, bengala, sapato ou bigodinho:
Isto é o exterior, sem importancia - futil.
Motivo bom para a plebe...
Profissão de divertir.
Os seus retratos têm dedicatorias:
"A' MULTIDÃO".
A indumentaria é que o faz popular

No entanto, eu gosto do subentendimento:
São os pedaços que passam incompreendidos
Que fazem meditar

Aquele homem que cae para você subir...
A ilusão num prego da botina...
Ouro...
Circo...
A menina que fura o arco de papel: Estrela...
O risco redondo na areia...
A renuncia que ninguem compreendeu...
Todo mundo riu porque o cartaz
Anunciou: "Comedia".
Alguem quedou triste, pensativo...

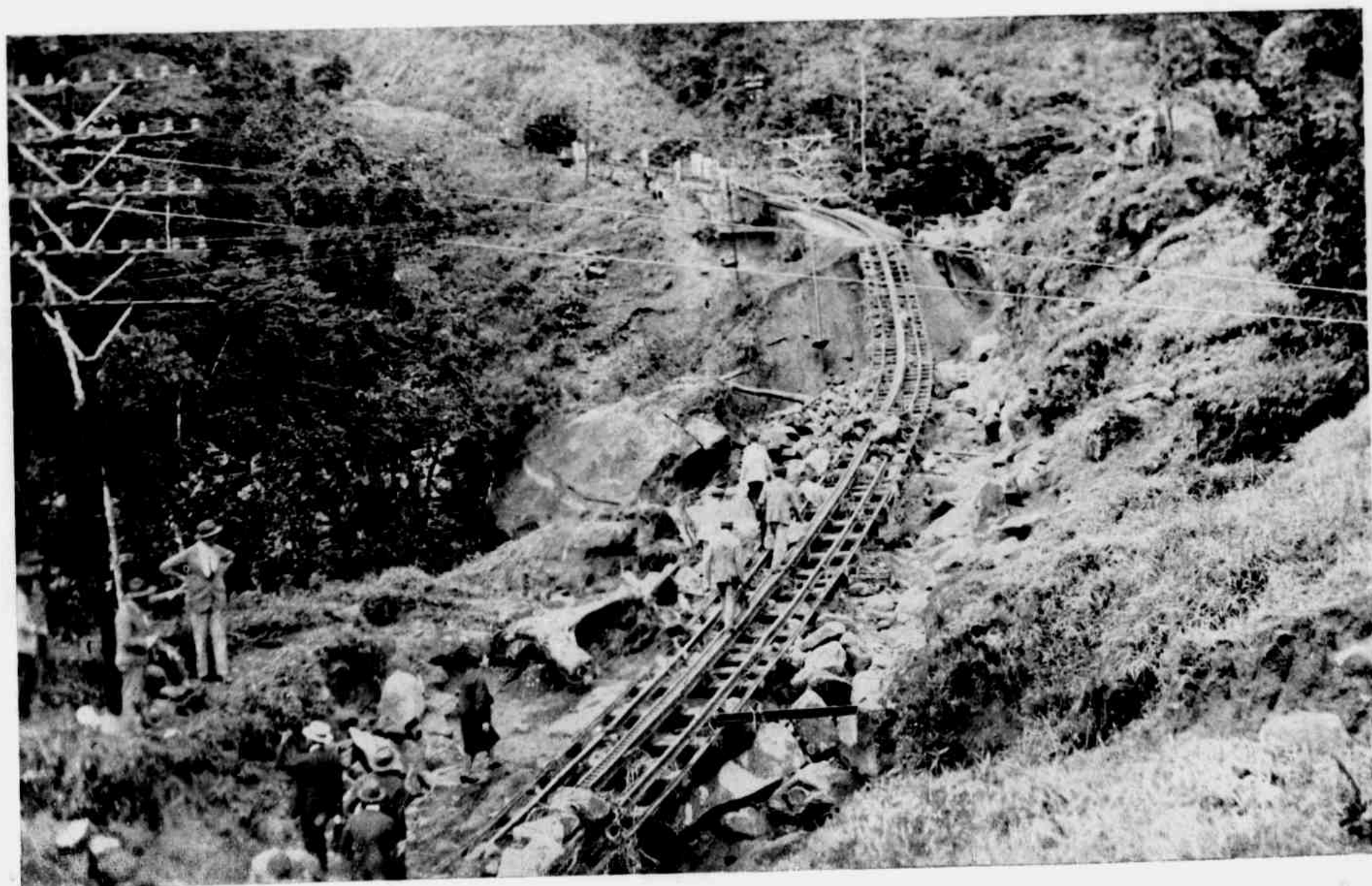
O grande artista da vida!
O homem da multidão que adora a solidão
[dos parques
Afinal: comico, bufão ou tragico?
E como tal, paradoxal tambem,
O triste paradoxo de viver representando...

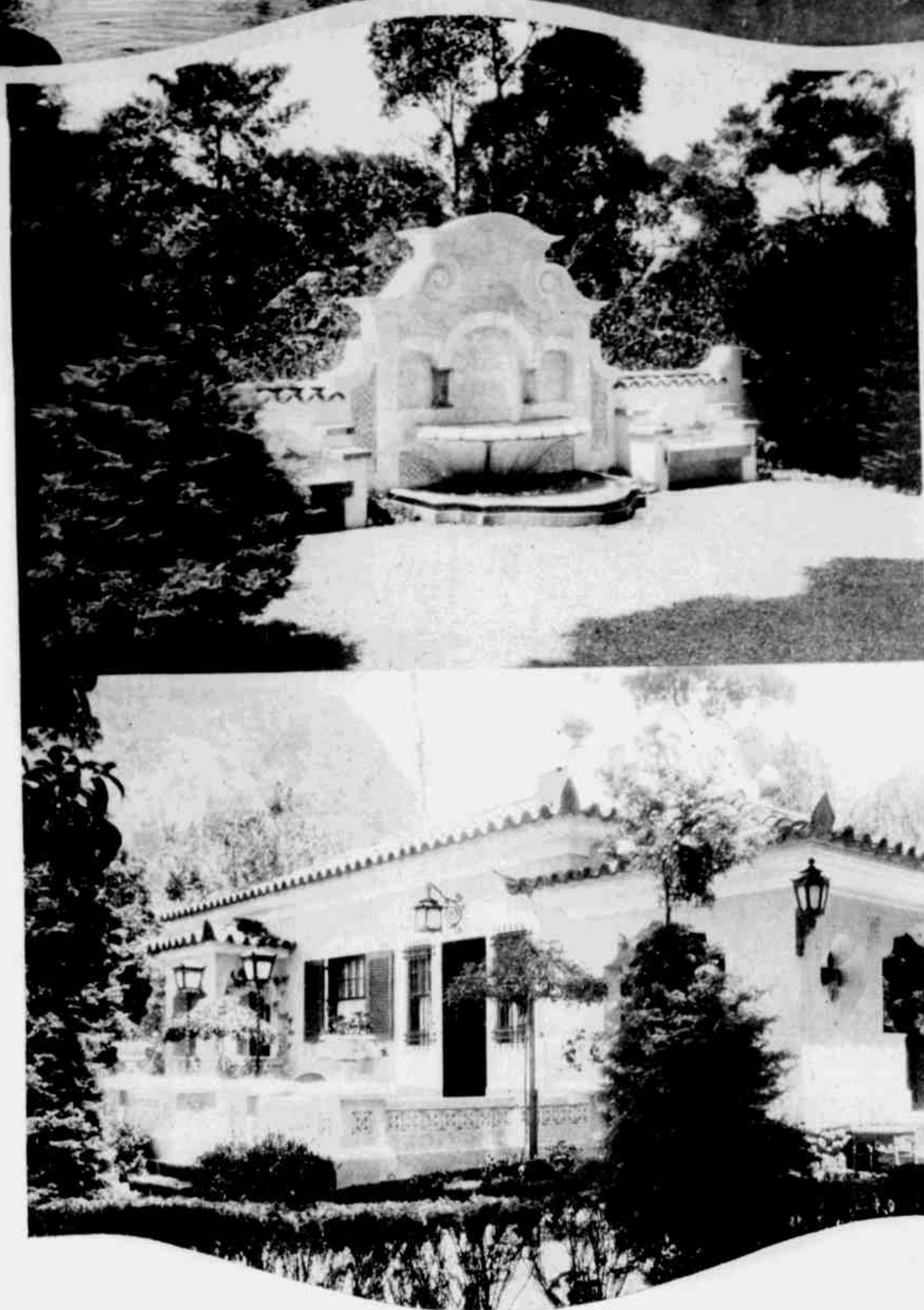
Dramas de amor!

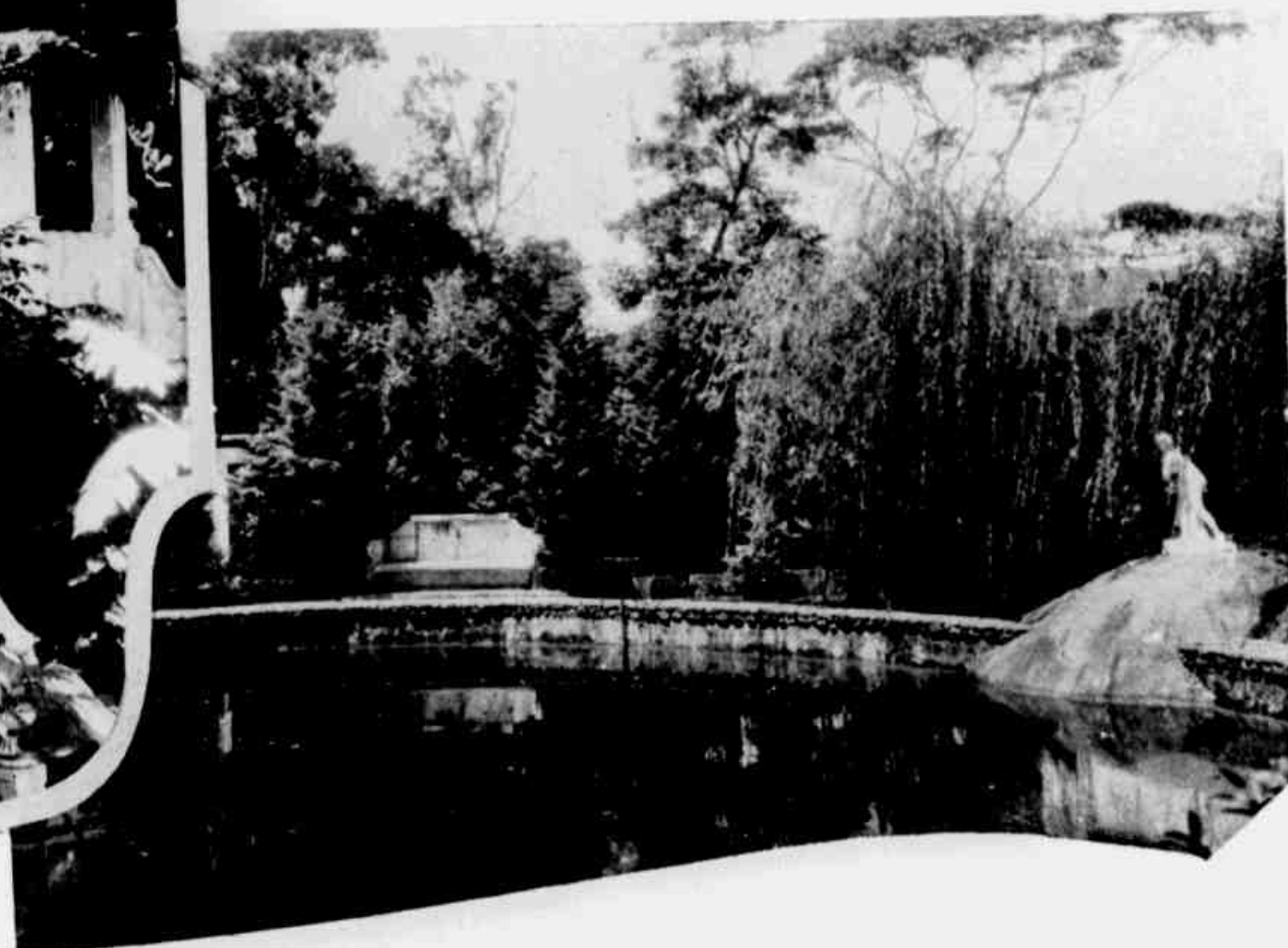
Casa-se por paixão
E está sempre se divorciando
Espectaculosamente, como pessimo marido!

A Avenida Quinze inundada na altura da bacia onde as aguas subiram a mais de um metro.

O temporal do dia 20 em Petropolis

A ponte da Gróta Funda, quasi no Alto da Serra, pósta abaixo pela chuva violenta que esbarrancou tudo. A linha da cremalheira ficou suspensa no ar.

THEREZOPOLIS

As cidades chamadas de verão tiveram este anno um movimento muito maior. Toda a gente que póde sahiu do Rio onde o calor morou desvairadamente e só sahiu empurrado pelos temporaes do começo do outomno. Petropolis, Therezopolis, Friburgo, que estavam sendo substituidas pelas praias, voltaram á gloria antiga e até a excederam em 1930. Das tres cidades perto do céo, Petropolis é a mais mundana, Friburgo a mais caseira, Therezopolis fica no meio, como a virtude: diverte-se mas com tranquillidade. Aqui estão umas photographias de Therezopolis. São da vivenda maravilhosa do senhor Arnaldo Guinle, recantos do parque e a casa. Ali o estylo colonial assenta bem, dá um encanto de passado que se harmonisa com as arvores velhas, as aguas, com aquelle ar de Nosso Senhor.

Serra dos Orgãos

Subir á serra é um sacrificio com os trens que ha. Mas o sacrificio depois recebe o premio da melhor compensação. Lá em cima, está o paraizo e o paraizo sem serpentes e com maçãs permittidas. Olhem uns pedaços do jardim de delicias nesta pagina. A natureza estylisada. Coisas que a mão do homem andou fazendo á sombra do Dedo de Deus.

Do Carnaval em São Paulo

Um automovel do corso da Avenida Carlos de Campos e photographias colhidas nos bailes do Club Hygienopolis e do Club Commercial.

O TREM AZUL

QUANDO a gente chega finalmente na força do homem, é curioso observar como certas maneiras de ser da nossa meninice vão voltando, com a liberdade nova e mais verdadeira que nós nos damos. Nem bem a mocidade chega, nós não somos mais nós; os sequestros, os preconceitos, as ansias de semostração se acumulam de tal forma no moço que êle abandona a maioria das suas verdades em proveito dum mascarado ideal, Mocidade, mais bonito que feio, aliás.

Estou falando isso porque me lembro muito bem: aos quatorze, quinze annos eu tinha a mania de vagamundear por essas ruas, puxar conversa com gente do povo, provocar confidencias que me divertiam profundamente, em troco das minhas enormes desgracinhas e miseraveis sonhos de grandeza. Tudo isso voltou, menos os sonhos. Só que dantes eu era ignorado e não visto, ao passo que agora, perdida a primeira inocencia, só vendo o olhar que algum conhecido me bota, si me pega conversando com uma Senhora que, pra todos os efeitos, é lavadeira, ou uma alma que pra todos os efeitos não passará jamais do guarda-civil. Mas contra isso eu tenho paciencia, e mais ainda, esta formidavel massa de ignorancia com que apago dos seres, aquilo que não me permitiria estimal-os.

Só mesmo isso é que tem me facultado o ensejo de passar algumas horas post-meridianas no largo de São Bento. Este nosso largo de São Bento é uma especie de "Diario Popular" em carne e osso. No "Diario" os desempregados se annunciam; no largo de São Bento se mostram. Ali pelas quatorze horas o larguinho regorgita duma turba em que ha de tudo, desde saloios sordidissimos, até mocinhas hungaras, possivelmente bonitas pros hungaros. Si a gente passa, precisa não olhar pra nenhum dêsses; olhando, logo uma via-lactea de olhos ansiosos esbarram na gente, a colisão é fisica, tal a avidez dêsses olhares. Si a gente olha e pára, então fica em estado de piranha ferida: aquela multidão se atira sobre, gruda, agarra, pega, puxa, lhe fala, lhe grita, implora e fede mais. Quebra o coração.

Nem tudo é miseria, sei bem. Tem os que se empregam pra roubar, por exemplo, e cuja sanha momentanea não é nem pra conseguir de comer, nem estimulo de concorrencia, é pura representação teatral, ensaio de habilidade no disfarce.

E tem os nacionais, ah! os nacionais... Estes não se afobam, não. Estão por ali, soberanos, contando pabulagens encostados a alguma árvore, examinando os azulejos com a topografia da cidade que adornam o alampadario central da praça. Os nacionais, numa indiferença magestatica, morrendo de magreza e sonho. Não se afobam não. Mesmo que o automovel páre, tiram uma linha sossegada prá dona e continuam nas suas pabulagens, desconfio que num desejo enorme de cantar.

Todos se dão, todos se falam. Os sexos é que se separam bastante, — no caso, por uma sensualidade já urbana e malsã, pra que homens e mulheres possam com mais amplitude gosar seus preferidos com o unico tacto que inda têm, o dos olhos. Engraçado é quando algum "bonito" resolve entrar em fala com a desejada. Ha os *candieiros*, sinhá. O bonito dá o braço pra um candieiro, enlaça outro pelo pescoço, e se aproxima dela. As frases não dizem nada, mas por causa dela responder, de tarde, êle a seguirá e etc. Depois a enorme cidade, tão visivel e tão de todos, ocultará o que pra essa gente inda é considerado proibição.

São quasi brutos. A curteza mental do camponio europeu, em nenhuma parte se demonstra na sua inenarravel podridão como na contacto dos vivos mestiços da America.

Vale a pena triste, conversar com êles. Pergunta-se uma coisa fóra de uso, falar nos ricos, na desigualdade dos trabalhos. A inteligencia deles parece que acorda como um Adão, púbere já. Eles se botam pensando com a desabusada soltura de quem não tem por onde pensar e por isso é poldro em campo aberto. As mulheres ficam pasmas da existencia dessas coisas, mais aceitadeiras. Os homens, si você incutiu confiança neles, rangem nas revoltas mais abstrusas. A linda igreja abacial de São Bento ergue o seu romanico bisantinado alí. Atrás é o convento, com os frades limpos em silencio. São Bento distribúi sôpas diarias pros que não têm onde comer.

A raiva mais comum é contra São Bento. Si houver uma revolução, êsses padres é que têm que ver com a gente, não escapa um; miseraveis!... A raiva principal deles é contra São Bento, que é mais perto.

MARIO DE ANDRADE

O RAID
(*Desenho de Almadá Negreiros*)

A Victoria.

Constantin Guys

No Baile.

QUANDO em 1863, Baudelaire, com o dom divinatorio de poeta, lembrou-se de descobrir Constantin Guys e proclamou-o "o pintor da vida moderna", tinha certeza de que essa revelação de um grande artista, não reteria muito a attenção dos seus frivolos contemporaneos. Os observadores profundos de uma época, são sempre por ella ignorados. Aliás, nunca esperam que os comprehendam. Pintam para legarem á posteridade proxima a imagem, fixada num traço nitido, que dará ás gerações futuras o ensejo de formarem uma idéa do tempo abolido, que a distancia começa a embellezar. Do Segundo Imperio, tão recente, e que a moda, de uns tempos para cá, vem exhumando, apresentamos o mais veridico dos seus pintores, o assombroso Constantin Guys, admirado apenas de-

Uma Elegante.

No Bois de Boulogne.

por Emile Henriot

O Coupézinho.

Outra Elegante.

pois de morto, no qual, hoje, com prazer reconhecemos um dos mais agudos moralistas do seculo.

Durante toda a vida, Guys foi desconhecido, mas a sua victoria posthuma é estrondosa. Hoje, que a vida parisiense quasi já não existe, pelo menos tal como a conheceram, amaram e praticaram os nossos felizes avós antes de 1870, é nas aguarellas e nos desenhos de Guys que devemos ir admiral-a. Com um caracter sombrio, voluntario misanthropo, Guys foi o mais penetrante observador que a vida mundana já teve e num tempo em que os prazeres estavam acima de tudo. Gavarni é mais alegre, mais sorridente: completava os seus graciosos e elegantes desenhos com o encanto jovial e a espiritual malicia das legendas tão bem escriptas. Guys contentava-se com o traço. Mas esse traço, sempre observado ao vivo e fielmente reprodu-

A Exposição de Pintura.

zido, sem paixão, sublinha, com um implacavel realismo, o caracter da época frivola e encantadora, indulgente para todas as frequezas... Oh! Velhos que ouviram falar em Cora Pearl e na Païva; que, em creança, maravilhados, assistiram á passagem da cabeça da Imperatriz, escoltada por um brilhante esquadrão de Cem-Guardas; que viram, ao longo dos Campos Elysios, filas de carros, de uma elegancia luzidia e lustrosa, com bellos cavallos trotando sob os arreios envernizados, nos quaes, á sombra de minusculas sombrinhas, ostentavam-se, para alegria dos olhos, languidas mulheres vestidas com crinolinas; que conheceram, em todo o seu esplendor, os bailes da Opera, o mundo encantado, extravagante e já fantastico do Segundo Imperio, os costumes faceis, o gozo de viver, passem a vista, apenas rapidamente, sobre a audacia de tantos desenhos crueis e digam si, tanto quanto uma melodia de Offenbach ou de Hervé, o menor *croquis* de Constantin Guys nao é o mais maravilhoso evocador dos fantasmas que se podem imaginar e não é sufficiente para arrancar do dominio das sombras, todas as bellas adormecidas, desejadas pelos seus vinte annos!... Nós, que somos de outros tempos, não podemos deixar de agradecer a Constantin Guys, ter-nos ajudado, tão bem, a conhecer esse passado — sem mesmo nos occultar as humanas tristezas que as bagatellas amaveis cobriam!...

No Theatro.

Que pensa dos vestidos compridos?

NA PRAIA DE COPACABANA

Não ha retrato nesta pagina. Hoje ella sáe assim. E é pena. Porque, quem a minha amiga não conhece poderia ter pelo retrato, a impressão do que ella é. Descreve-se, mas dahi á realidade, que salto! Dirá melhor a photographia? A's vezes sim, muitas não, apezar do adiantamento da arte photographica, aperfeiçoada. O que eu quizera, pois, seria uma penna ou uma chapa que désse ás minhas leitoras Maria Leonarda de Almeida simplesmente como é. Pequena e delicada silhueta de mulher, branca, cabellos castanhos, uma expressão de vivacidade e intelligencia no rosto, e "chic", elegante e discreta.

Approximamo-nos ha já algum tempo porque ella é leitora assidua do "Para todos..." e tambem assidua leitora do que escreve "Sorcière".

Em casa de modas, num dia de movimento, servia-nos a mesma caixeira. Maria Leonarda experimentava chapéos. Um "berét", outro sem aba, mais outro, um "béguin", destes muito agarrados ao rosto... E o della é principalmente viçoso, de muita juvenilidade. Mas a gentil fregueza não estava contente. Ainda se não podia habituar á falta de aba que dá ao rosto um sombrio expressivo. A "vendeuse" procurava enthusiasmal-a. E eu, a dois passos, esquecia de escolher o chapéo de que precisava, ou que me tentára... Era olhos e ouvidos para a outra. Foi, então, que a caixeirinha, sentindo em mim uma auxiliar espontanea e bem intencionada, apresentou-nos uma á outra. E Maria Leonarda me confessára que de ha muito desejava tal approximação. Depois, amabilidades nos rapidos e fortuitos instantes em que nos encontravamos. O "senhor Acaso" andava sempre nisso. Um dia soube que ella partira para o Maranhão, a sua terra, e a terra que nos tem dado tantos homens illustres, dos quaes se orgulha o Brasil, e terra de meninas bonitas. Aliás, nisto o Brasil é fertil, e a gente fica sem saber se a belleza do sul supplanta a do norte, e se qualquer das duas equivale á graça parisiense da carioca.

Ficára a mim confiado o album de Maria Leonarda, e a mim mesma ella pedira umas palavras. Mas desde que abri o livro encadernado de fino couro verde e filetes de ouro, puz-me a pensar que não podia annuir ao desejo da linda creatura. Godofredo Vianna, Maria Sabina, Austregesilo de Athayde, Silva Ramos, Veiga Lima, Humberto de Campos, Olegario Marianno... Tantos escreveram nesse album. Faltou-me a coragem de hombrear com tanta gente illustre. Guardei-o, então, até que a dona voltasse.

Aqui não podia deixar de figurar o nome da senhora Marcellino de Almeida. Além de fina e elegante ella é intelligente e culta. Entretanto, eu a sabia modesta, excessivamente modesta. O mesmo caso que nos favorecia serviu ainda desta vez. Mesmo por acaso foi que eu a vi, numa tarde de chuva e consequente friagem, na sua "limousine" que estava á espera do signal verde. Cheguei-me perto do carro côr de vinho. E Maria Leonarda:

— Você, Alba de Mello?

Habituou-se a chamar-me pelo meu nome inteiro. E isso na sua voz caracteristica de nortista, voz cantante, melodiosa, de graça especial.

— Por que não me avisou que estava aqui, de volta?

— Entre, entre. Vamos dar um passeio.

E, naquella vivacidade, que lhe é um encanto a mais:

— Uma grande volta, depois um chá. Aproveitemos a tarde para uma boa palestra.

— Terá naturalmente mais que fazer...

— Tambem você, eu o creio. Mas não importa. Vamos embora.

E fômos. Sobre o asphalto deslisava o automovel, e a chuva meúda, renitente e impertinente de tres dias consecutivos, continuava a cahir. Avenida Beira-Mar, Flamengo, Botafogo, Copacabana, Leblon, depois a volta pelo Jockey, Jardim Botanico... E a conversa era animada. Maria Leonarda contou-me do enthusiasmo, no Maranhão, pelo concurso de belleza.

— E as maranhenses?

— Elegantes, graciosas. Ha meninas lindas, e se vier uma das mais votadas fará successo.

Tambem inquiri do gosto das moças maranhenses pelas letras, pela arte. Procurei saber do desenvolvimento intellectual dos "novos", na cidade presepe. E ella me disse bem de tudo e

Senhorita Eva Schnoor no Port of Spain, capital da ilha de Trinidad, quando ia de viagem para a America do Norte.

de todos, num bairrismo delicado e affectivo. Tambem falou de sua proxima volta á Europa.

— Tem grande enthusiasmo pela Europa ?

— Tenho, mas prefiro o Rio, que é a maravilha das maravilhas, uma terra que a gente não mais póde deixar, esquecer. Ha cousas sumptuosas, lá fóra, ha naturezas bellissimas, civilização muito em avanço. Mas para o Rio...

— ...não ha superlativo que baste.

— Isso mesmo ! respondeu a rir, Maria Leonarda.

— E que me diz você das saias compridas e da cintura no logar ?

Ella, subitamente séria:

— Alba de Mello, você não me vae entrevistar...

— Quem sabe ? E por que se recusaria ?

— Porque não sou elegante, porque...

— E' elegante, é espirituosa, é bonita...

— Não, por favor, não faça tal.

— Mas você bem póde contar, ao menos a mim, que impressão lhe dá a nova moda ?

— E que fará disso ?

— Desde que você me conte passou a deixar de ser uma cousa só para você...

— Olhe, os vestidos compridos são bonitos, ageitam-se mais no corpo. Eu, quando começou o "brou-ha-ha" de que as saias iriam descer e as cinturas subir, jurei que havia de ser uma das ultimas a usar a nova moda. Mas a visão foi-se habituando, e passei a gostar do que nos dictava a rainha universal...

— Como já se adaptou aos chapéos que lhe descobrem o rosto.

— Sinceramente, uso, uso mas prefiro os de aba, os "cloche". Favorecem mais.

— Ainda mais ? Para quê, Maria Leonarda ?

Chegavamos á cidade. E na casa de chá, depois de trocarmos as chavenas donde se evaporava o suave aroma da bebida elegante, alegres, Maria Leonarda continuou:

— Tão juvenis as mulheres de saia e blusa, num dia de sol, e panamá á cabeça. As "fausses maigres", bem entendido, ou as magras. Porque se gosta sempre do que está na moda ?

E a commentar isso e aquillo... cinco e mais da tarde !

— Vamos ?

Ella ainda me offerecera conducção. Mas tinhamos de nos separar. A' porta da "limousine" Maria Leonarda, muito graciosa na sua capa de setim preto, gôrro de "faille" preta, ainda recommendou:

— Você não vae aproveitar o que lhe disse, pois não?

Beijei-a a sorrir, e tomei a calçada. O automovel déra a volta ainda a tempo de acenar-lhe, ao que ella respondera tambem já de "lorgnon" nos olhos, porque Maria Leonarda é um tantito myope, o que lhe dá certo encanto junto ao com que maneja a elegante joia de platina e vidros de crystal.

ALBA DE MELLO.

A declamadora Martha Silva Gomes num recital pro-monumento Ruy Barbosa

De São Paulo chega noticia de relevo social. Martha Silva Gomes, a convite especial do "Correio Paulistano", em festa promovida pelos intellectuaes da Paulicéa, para o monumento Ruy Barbosa, fará o seu segundo recital naquella cidade, onde seu nome já foi consagrado como interprete de Alvaro Moreyra, Ronald, Olegario Marianno, Menotti, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida, entre os modernos, Bilac, Vicente Carvalho, e outros artistas immortaes do verso. Será a 3 de Abril proximo.

Graça Aranha na sua sala de trabalho do apartamento onde móra, na Praça Floriano, lá em cima, com toda a cidade carioca em volta delle. Foi ali que elle terminou "A Viagem Maravilhosa", livro do Brasil novo, livro evangelico, grande livro que ascende do nosso passado e vae para o futuro da nossa terra e da nossa raça.
Em baixo:

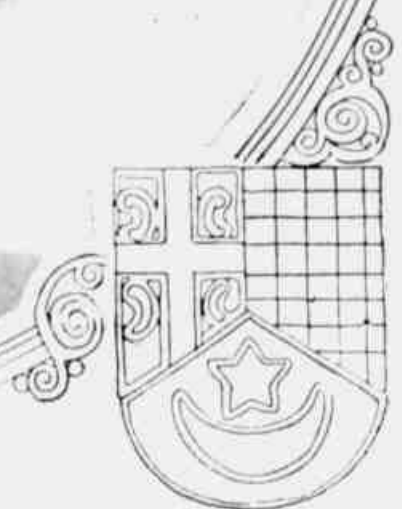
As misses européas no dia da escolha de Miss Europa: da esquerda, Italia, Dinamarca, Grecia (Europa), Turquia, França, Hespanha, Russia, Tcheco-Slovaquia, Belgica; no segundo plano, tambem da esquerda, Yugo-Slavia, Austria, Rumania, Hungria, Hollanda, Inglaterra, Irlanda.

SENHORITA
ELENA PLA' MOMPO'
MISS HESPANHA

Foi eleita em Madrid, no Theatro Metropolitano, que estava ao contrario dos theatros cariocas: cheio. Tem 17 annos. E' a mais moça das misses européas. Foi escolhida por um jury composto de pintores, esculptores, medicos e comediantes.

Tem dezoito annos. E' estudante de Direito. Pertence á velha aristocracia da Servia. O pae della é coronel. O avô foi regente do reino. Móra em Belgrado.

(Photo G. L. Manuel)

SENHORITA
STEPHANIE DROBNYAK,
MISS YUGOSLAVIA

Eleita
para
o
Concur
Internac
de
Belle
em
193
no
Ri
de
Jane

Eleitas para o Concurso Internacional de Belleza em 1930 no Rio de Janeiro

SENHORITA ZULMA INVERNIZZI, MISS URUGUAY

(Photo Figoli)

E' de Montevidéo. 18 annos. Cabellos dourados. O vento do pampa que fica proximo deu-lhe força e sonho. Filha de uma terra democrata, tem o aspecto de uma herdeira de throno. E' linda assim, com o seu sorriso de princeza e o seu ar de retrato antigo.

Concurso de Belleza para a escolha de Miss Uruguay

Senhorita Maria Galavecino, segundo logar.

Em baixo, á esquerda: Senhorita Cocó Iribame de la Vega, terceiro logar.

A' direita, em baixo: Senhorita Tota Chans, quarto logar.

Em cima, á direita: Senhorita Lavinia Barros Scheibel (Jardim America) A' esquerda, em cima: Senhorita Henedina Drolhe (Liberdade) Em baixo: Senhorita Marianna Bacellar (Lapa) (Photos Rosenfeld)

Concurso de Belleza para a escolha de Miss São Paulo

A insipida Cidade do Rio de Janeiro

Uma das razões, e talvez a mais forte do perecimento do theatro no Rio, é a falta de casas de espectaculos, sendo que o reduzido numero dellas diminuiu mais ainda, com a invasão do cinema, industria que não nada em prosperidade, mas que se acha melhor organizada, e dispõe de capitaes mais solidos.

Necessita o Rio de dez ou doze theatros no perimetro urbano. Tem-se alvitrado, inutilmente, á Municipalidade que conceda favores, como fez com relação aos hoteis, aos que se proponham construir theatros. Seria um meio de dotar a mais linda e mais insipida cidade do mundo, com as diversões que lhe faltam. Occupa-se, porém, a autoridade com estradas estheticas, restaurantes e "bars" onde comam e bebam os turistas, mas esquece, lamentavelmente, que quem viaja e visita um paiz para nelle permanecer dias ou semanas não quer ver, apenas, panoramas, quer ter, tambem, onde ir á noite recrear o espirito. Gastam-se milhares e milhares de contos em rodovias e jardins e nenhuma providencia se toma em favor desse outro lado do problema, do ponto de vista turistico.

A questão, porém, deve ser considerada do ponto de vista nacional. Precisamos desenvolver o nosso theatro e não podemos fazer, porque é impossivel representar na praça publica. Uma grande esperança entiorou a alma dos que se batem por esse elemento de cultura no Rio: a grande area de terrenos do Castello. Era de suppôr que ali se reservasse espaço para quatro ou cinco casas de diversões, e disso não se cuidou nem se cuida. O edital para a venda de taes terrenos refere-se ao assumpto, mas pilhericamente... Ha uma area central em cada quadra que é servidão commum dos edificios que a rodelarem. Se, porém, esses edificios forem de um só proprietario, elle poderá utilizar a area para a construcção de um theatro ou de um cinema... Até aqui, para edificar alguem uma casa de espectaculos na parte central da cidade, era preciso que fosse millionario. De accôrdo com o que concede (!) o edital só sendo multi-millionario.

O resultado já se sabe qual é. Edificados os terrenos do castello, aquillo á noite deve ser tão morto como a Avenida Rio Branco e ruas transversaes, das 20 horas em deante, exceptuadas, é claro, as immediações da Galeria Cruzeiro e o Quarteirão Serrador. No emtanto, se exige que as lojas dos taes edificios sejam casas commerciaes que ficarão, obrigatoriamente, com as vitrines abertas e illuminadas até a meia noite. Para quê? Ninguem transitará por essa cidade morta, sem vida a partir da hora do fechamento do commercio. Para que os turistas vejam? Mas esses, e assim mesmo raros, deante do desperdicio de luz hão de pensar que se encontram em uma terra de malucos...

Mario Nunes

N. Viggiani, para festejar o exito da estréa de Roulien no Lyrico, reuniu gente de imprensa e gente de theatro na Confeitaria Colombo e foi uma feijoada notavel, comida e bebida com alegria. Houve discursos no fim. Mas ninguem estava em condições de protestar contra os discursos.

Cinema do Brasil

DIDI VIANA

Ellas são estrellas de "Saudade", producção *Cinearte*, da Benedetti-Film. As duas nasceram em São Paulo.

(Photographias de M. Rosenfeld)

TAMAR MOEMA

O NOCTURNO DA RUA LIVAROT

NÃO deixe Lisieux sem provar os finos doces da Pâtisserie Epinette". Aqui está a Pâtisserie Epinette, na rua da Ponte-Mortain. Vou curiosamente olhando as vitrinas que projectam claridades vivas na rua mal illuminada. Na praça Thiers dobro a Grande Rua. As confeitarias perseguem-me, nesta Lisieux monacal. "Chiques Lexoviennes", é a especialidade do Sr. H. Baclot, no nº. 50. Lá dentro, entre os balcões de confeitos, um homem sorridente: deve ser o Sr. H. Baclot, confeiteiro. Noutra vitrina um annuncio aconselha-me:

"Depois das refeições, beba uma Therezinha, o grande licor de Lisieux". Não beberei, jamais.

Praça do Mercado da Manteiga, em Lisieux. As velhas casas de telhado pontudo viram passar os seculos...

Examino as lojas dos vendedores de lembranças piedosas. Santa Therezinha está em todos os objectos. O que perturba a meditação de certos peregrinos, nas cidades illustradas por uma santa, é a intervenção do commercio. O commercio não perdôa as lapiseiras, os cortapapeis, os tinteiros. Não se concebe um tinteiro com Santa Therezinha. No entanto, esse tinteiro existe, está diante dos meus olhos. Continúo o caminho, reflectindo nessas absurdas maguas de uma sensibilidade caprichosa... Infantilidades minhas. A chuva de rosas é tambem para o commercio. Aonde vai esse povo que enche a rua de Paris? A um cinema talvez. Seria inutil ver como é o cinema de Lisieux. O que me apaixona é vagar assim, ao acaso, virando esquinas, mudando de scenario, passando de uma viella do seculo XVI para uma rua moderna, sahindo de uma praça animada para o silencio de uma alameda de platanos, entre portões fechados, entre jardins em sombra. Sou como um caçador furtivo, surprehendendo a cada instante um aspecto desconhecido, de Lisieux, mil vezes olhado pelos outros, mas que exerce sobre mim o imperio de uma descoberta. Tudo é novo sob as estrellas — murmuro erguendo a cabeça para o céo nocturno, agradecendo a Deus os meus olhos.

E os balcões de flores, no silencio das ruellas medievaes...

• • •

A noite avançou. O silencio espalha-se agora por toda a cidade. As lojas fecharam-se, os lampeões velam sozinhos.

Vagaroso, cheguei emfim diante do Carmelo. Parece-me real a presença de Santa Therezinha. Olhando as janellas fechadas do convento, as paredes brancas da capella, os muros da clausura, imagino, para meu gosto, que estou no tempo em que ella vivia; que sou um viajante do anno de 1894, quando a Santa escrevia versos na sua cella, fatigada de ter trabalhado durante o dia na costura dos habitos, no preparo dos vasos da sachristia, nas flores para os altares. Agora, aproveitando o abandono da hora deserta, Santa Therezinha escreve a "Melodia de Santa Cecilia":

Cecile, prête-moi ta douce mélodie;
Je voudrais convertir à Jesus tant de coeurs!

• • •

Nesse tempo não havia em Lisieux o "Grande Licor Therezinha".

Nesse tempo, Lisieux não conhecia a industria hoteleira, os trens cheios de peregrinos invadindo a estação, as filas de povo entrando na capella. Nesse tempo as vozes puras, que se evolam em canticos destes muros, não faziam parar os passantes distrahidos. O Carmelo não dera uma santa. No entanto a maluquinha, lá dentro, escrevia, escrevia... "O' meu Deus, eu desejo ser santa, mas sinto a minha impotencia e peço-vos, ó meu Deus, que sejais vós mes-

... dão uma nota risonha ás fachadas severas, de madeira carcomida...

Capella do Convento das Carmelitas de Lisieux, na rua Livarot.

No seu leito de tysica, Santa Therezinha exhala o ultimo suspiro, dizendo: "Amo-vos, meu Deus!" (Quadro de sua irmã Celina, actual Superiora do Carmelo de Lisieux.)

mo a minha santidade".

Quem prestava attenção á casa das carmelitas na rua Livarot? A teimosia das filhas do Sr. Stanisles Martin é que produzira um sussurro de commentarios pelos quarteirões da burguezia rica. Iam deixar o velho sozinho lá nos Buissonets, aquellas maniacas. Todas as filhas delle estavam com a obsessão de ser freiras. Até Thereza, com quinze annos, a cholhara uma commoção. Morria para o mundo, aquella flor?

A tomada do habito de Therezinha fôra um acontecimento. A graça tocante da menina e moça, ainda amorosa das suas bonecas, espalhara uma commoção. Morria o mundo, aquella flor?

— Maluquinha...

* * *

Onze horas da noite. A superiora passa por acaso e vê luz na cella de Thereza. Não diz nada, some em silencio, abafado o rumor das alpargatas no corredor... Ella sabe que Thereza trabalha pelo Carmelo e pelo amor de Deus: é a luz vigilante da rua Livarot.

Lisieux não suspeita do que se prepara no convento pobre. A torre de S. Jacques desfia as horas, no silencio da noite.

Nas velhas casas de telhado pontudo, com balcões de madeira enfeitados de flores, Lisieux dorme, sem sonhos. Não sabe que atraz dos muros do Carmelo, o pequeno vulto debruçado sobre uma folha de papel, escreve, escreve...

Tosse: "Tenho uma saude de ferro", dissera a sua irmã Celina. Tosse outra vez, aperta o peito dolorido. Ajoelha-se longamente diante do crucifixo. Depois, no leito grosseiro, sob a coberta de algodão, adormece. Tem uma ineffavel candura esse rosto de criança. Bate, compassado, o coração affavel de Soror Maria Francisca Thereza do Menino Jesus e da Santa Face.

* * *

Percorri toda a rua Livarot. Detenho-me agora, novamente, na calçada do Carmelo. Por aqui passou muitas vezes Therezinha, quando acompanhava o pae nos lentos passeios pela cidade. Seu vestido roçou estes muros do convento, onde tanto desejava entrar. Por esta porta, annos depois, em 1897, sahiu para o cemiterio e a bemaventurança.

Digo adeus ao Carmelo. Applico o ouvido ao silencio para escutar vozes de freiras. Não ouço nada. Não levarei commigo a musica sobrenatural dos officios a horas perdidas, na noite morta da rua Livarot. Não faz mal, outra musica sobe das cousas... musica desta quietude cheia de murmurios secretos para as almas... musica de mim mesmo talvez, das minhas supplicas... Nunca te esquecerei, rua Livarot na grande paz da noite religiosa!

* * *

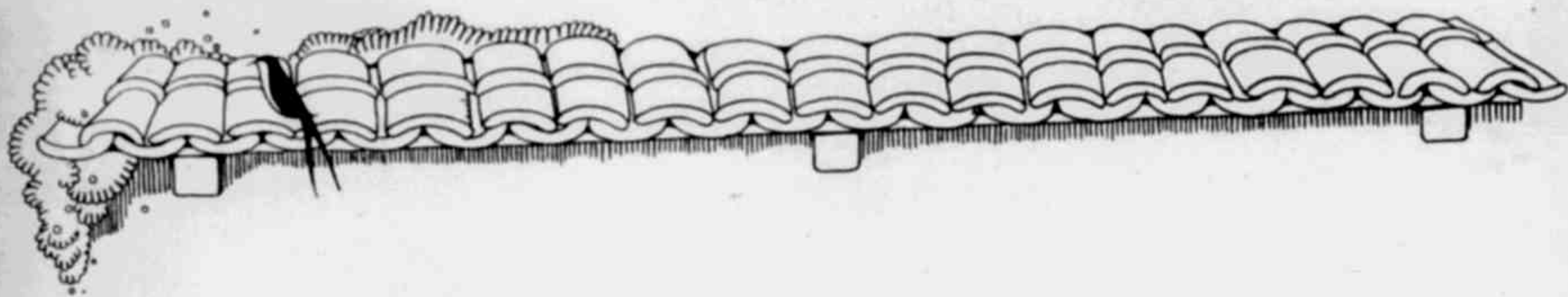
Vê, Therezinha, sou o mais indigno dos teus amigos, o mais impuro de todos a quem já tocaste com a tua graça. Na tua capella, ainda hoje, escondido entre as columnas da nave, chorei tanto sem saber porque chorava! Agora, na rua deserta do convento, tenho a impressão de que me vês, de que me ouves.

Aqui estou, sob as mesmas estrellas que foram testemunhas da tua vocação celestial. Como si o pedisse á propria noite, quero pedir-te uma graça, maior do que todas as outras que me concedeste em outros tempos. Uma graça maior, Therezinha...

... Atiro ao vento o meu segredo.

No céo negro, uma estrella faz um risco fulgurante, cahindo, Therezinha disse que sim para a minha alma.

RIBEIRO COUTO

A ANDORINHA PERDIDA

Eu tenho inveja da felicidade!
Não da que os outros têm, que é delles não é minha,
mas da que eu ia ter, — ia ter noutra idade,
quando o meu coração era aquella andorinha
simples, no seu beiral; livre, na immensidade...
Pois a felicidade ia ser minha:
acalento de amor, no berço; louvaminha
primeiro gorgeio — ave que desaninha
antes da primavera, e acha saudade
antes do idyllio! Trefega andorinha,
por quem minha infantil precocidade
criou azas de orgulho e de vaidade,
desdenhou o beiral, mediu a immensidade
e lá deixou a aldeia ribeirinha
pela visão do mar, junto á grande cidade...
Oh! a felicidade já foi minha
e eu tenho inveja da felicidade...
Ella se foi, com o tempo, que definha,
a esperança da minha mocidade.
Andorinha, andorinha,
perdeste o teu beiral, perdi a immensidade...
E o inverno se avizinha!
Eu tenho inveja da felicidade...

HERMES FONTES

Aspectos do corso, domingo de Carnaval, na capital bahiana.

Filhos do senhor Roberto Kastrup, fantasiados no ultimo Carnaval.

O AMOR EM PARIS

— Já agora, diz-me o Sr. Antoine, vamos fazer uma visita aos "clochards".

— "Clochards" ?

— Sim. Esses destroços humanos, residuos da sociedade, atirados á lama, que vivem, de dia, a procurar, no lixo o que comer, e dormem, á noite, sob as pontes, nas margens do Sena, tendo por leito o chão duro e por tecto a immensidão do firmamento.

Um taxi conduziu-nos á Praça do Chatelet. A'quella hora — tres da madrugada — estava quasi deserta. Raros transeuntes. Alguns bohemios infatigaveis. Alguns typos extranhos, de casquette, foulard ao pescoço, cigarro ao canto da bocca — o typo classico do vagabundo ou do rufião. Duas ou tres mulheres, horriveis, verdadeiras harpias que, somnolentas, procuravam, á viva força, arrastar um homem.

Descemos pela primeira escadaria ao lado da ponte. Essa mesma por onde, em algumas claras, frescas e radiantes manhãs primaveris hav'amos descido para tomar o vaporzinho que nos levava a Sudesnes. Em baixo, tropeço em alguma cousa que embaraçava o caminho.

— Attenção, cuidado, ande de vagar e procure abrir os olhos, gritame o Sr. Antoine.

Eu havia tropeçado num corpo! Aquella cousa, aquellas cousas, pontos negros, disformes, encolhidos, que se não mexiam, immoveis, que davam a idéa de um monturo, monturo de trapos, de roupas velhas, imprestaveis — aquellas cousas eram homens!

A vista, pouco a pouco, melhor se habituava á escuridão. E a scena, em todo seu horror, apparecia aos nossos olhos. Dir-se-ia naufragos jogados á praia depois da tormenta. Figuras horripilantes. Sêres que de humano só tinham a fórma. Lixo, lixo que a sociedade atira á rua, como o meio mais facil delle desfazer-se, quando tudo indica que, si melhor organizada, poderia outro destino dar-lhe, quiçá proveito delle tirar.

E ás dezenas, ás centenas, lá estavam elles, os "clochards", arrostando as intemperies, dormindo algumas horas, poucas, as unicas felizes numa existencia infeliz, feita de privações. Felizes porque nellas, nessas poucas horas de somno, deixavam de pensar, de sentir fome, de viver. Horas de morte, dessa morte que é o repouso, dessa morte que desejam, que pedem, mas que temem, que chamam, mas cujo encontro não têm a coragem de antecipar.

"Animus memenisse horret"... as palavras de Virgilio vinham-me aos labios, diante do quadro que contemplava. Esphacelamento da vida.

— A policia deveria, e poderia, evitar este espectaculo, sente-se na obrigação de explicar o Sr. Antoine. Mas onde recolher toda essa gente, quasi uma população ? Não dispomos de habitações. O unico meio seria fazel-os perambular pelas ruas. Não lhe parece que seria de uma crueldade desnecessaria tirar a esses desgraçados o unico prazer que lhes resta — essas horas de somno ?

Senhor Ismael de Oliveira Maia é "Leamsi", o autor do livro "O amor em Paris", que está sendo lido por todo o Rio e vae ser lido por todo o Brasil. Das duzentas e trinta paginas vivas, impressionantes, d'"O amor de Paris", tiramos um trecho, para fazer com elle o maior elogio ao livro de "Leamsi".

Tenho pena. Sinto uma piedade immensa. Insensivelmente volto a olhar aquelle monturo humano. Uns roncam, outros gemem. Ouço um suspiro, suspiro longo, prolongado, que vem do coração, lá de dentro, do âmago. Surpiro que é uma expansão de dôr, de um peito oppresso, que é um desafogo, que transborda maguas, pezares calcados, resentimentos. Quem sabe — suspiro de amor. Partiu de um homem, um moço. Reparo. Ao lado, confundindo-se na sombra, sob os mesmos trapos, destacam-se uma cabeça loura, e, emmoldurado pelos cabellos dourados, um rosto magro, muito branco, de uma rapariga, uma creança. Ella deve ter, quando muito, quinze annos. Mãos enlaçadas, dormem. Suspiram. Sonham, talvez, sonhos de amor, de reinos encantados. Sonham com fadas, palacios, riquezas. São tão extravagantes os sonhos, tão caprichosos ! E no somno, sonhando maravilhas e felicidade, ella mais se approxima delle. Já agora vejo-os juntos, muito achegados um ao outro. Vejo que os labios se procuram, vejo que se unem.

Assim é o amor entre a ralé !

Partimos. O Sr. Antoine conduzme. Vae levar-me, diz elle, á "Grappe d'Or".

Tomamos a rua Saint-Denis. Difficilmente caminhamos. As calçadas estão atravancadas por caixões, balaios, cestos, todo um arsenal de utensilios domesticos para o transporte de comestiveis. Nos leitos das ruas amontoam-se cenouras, nabos, repolhos, couves. São pyramides, arranha-céos de legumes. O movimento é intenso. Grandes carroças, verdadeiros mastodontes, descarregam. Centenas de homens transportam ás costas, os cestos enormes. Formam-se pilhas, montanhas. Algumas mulheres pedinchonas, perseguem os carregadores na esperança de conseguir uma cenoura, um repolho, uma couve — o bastante para uma sopa que só por esse meio poderão garantir. Um bebedo lança imprecações. Dois "snobs", de casaca, dirigem-se para o Père Tranquille. Uma creança chafurda na lama da sargeta. Um cachorro lambe um queijo que rolou até o meio fio. Estamos nas immediações das "Halles Centrales", o grande emporio que abastece, que faz viver Paris.

Chamfort escreveu — "La société est composé de deux grandes classes: ceux qui ont plus de diners que d'appétit, et ceux qui ont plus d'appétit qui de diners". Nunca, como nesse momento, senti tão intensamente a verdade dessa sentença.

Todas essas ruas que cruzam Saint-Denis, que contornam o casarão do mercado, formam um dédalo onde o transeunte que as percorre pela primeira vez, facilmente póde perder-se. São ruas immundas, de casas velhas, de hoteis de passe. Ruas sem luz, de ar sombrio, de tascas infectas, que amedrontam, que fazem arrepiar o burguez que por ellas passa, de madrugada. Viramos, damos voltas. Chegamos á Praça dos Innocentes. Um pequeno jardim. Ao centro um chafariz. Grades que circumdam impedindo, que toda uma malta de vagabundos se utilize dos bancos, que delles faça residencia.

Aqui está a "Grappe d'Or". Que é? Como classificar ? Que nome dar ? Hotel, albergue, toca, antro, pocilga ? E' sordido, nojento, asqueroso. O ar é irrespiravel. O cheiro é insupportavel — suor, camisas, meias, roupas sujas, alcool, comida azeda, queijo estragado, alho, cebola, urina. E sobre as mesas, em cadeiras que se equilibram, encostados ás paredes, deitados no chão, por vinte centimos, homens e mulheres, em promiscuidade, falam, comem, bebem, embriagam-se, dormem.

O patrão, calmo, pachorrento, feliz, sorri ás moedas que caem na gaveta. E sorri, ainda, á creatura que, na cadeira proxima ao balcão, cabeceia, tonta de somno. E' a victima escolhida para aquella noite, que aguarda a hora do sacrificio. Faz-se o patrão, assim, pagar, parte das dividas.

Amor... Ultimo refugio, ultimo porto. Detritos. Escorias humanas. Ralé !

Antes do almoço offerecido ao deputado carioca Azevedo Lima, no restaurante do Lido.

ORA BUMBA, MEU BOI

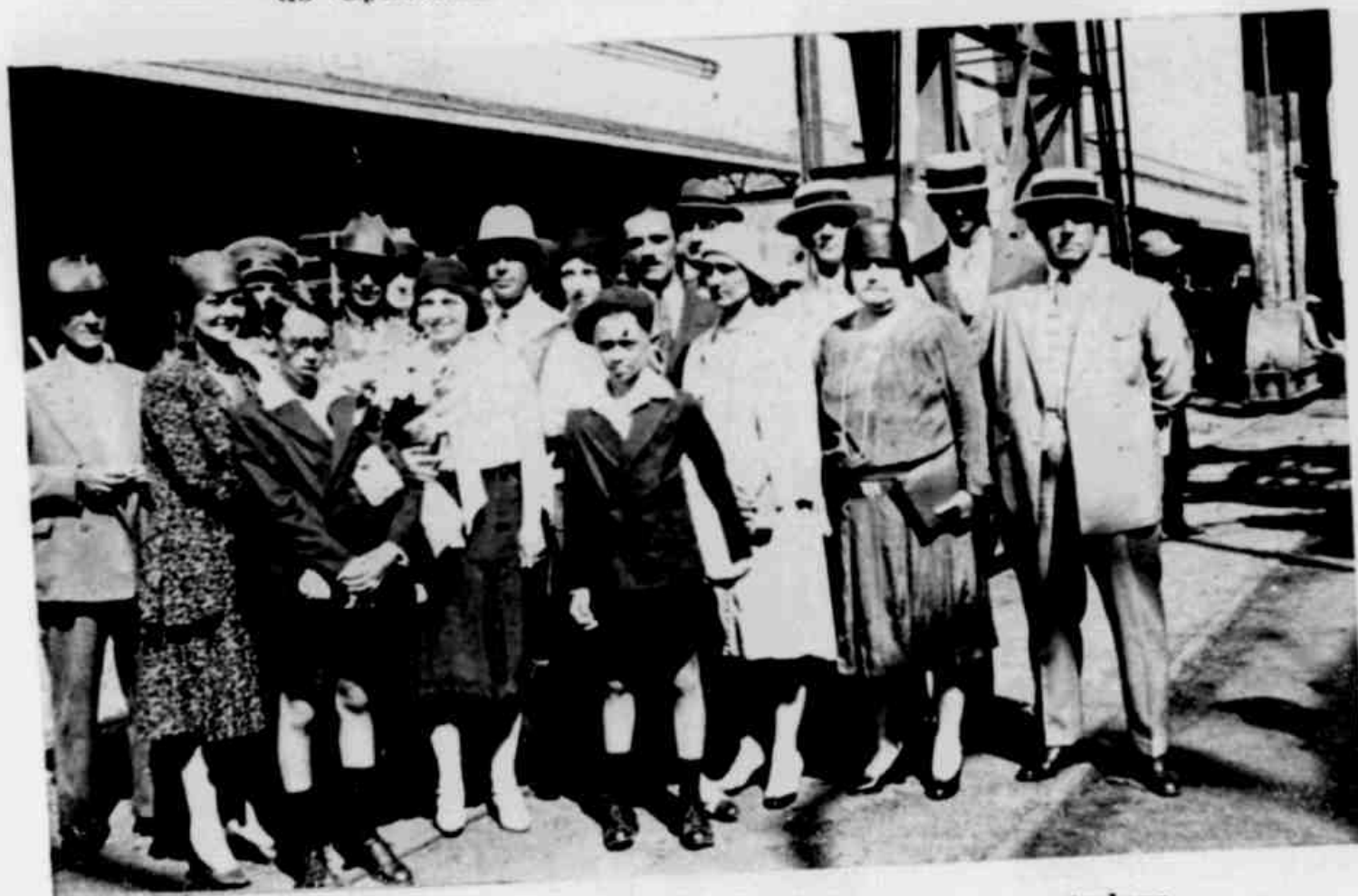
Ora bumba, meu boi,
ó meu boi marruá !
Ora dá no vaqueiro,
ó meu boi marruá...

E a cantiga mistura-se com a poeira e com o sapateado nervoso dos creoulos, emquanto o boi salta enfeitado de fitas verdes, azues, vermelhas, amarellas...

E segue a cantiga-pixaim:

Ora bumba, meu boi
ó meu boi marruá !

BUENO DE RIVEIRA

Embarque do Dr. Ulysses Pernambucano de Mello, director do Gymnasio de Pernambuco, para o Recife.

Durante a ultima reunião no Club Central em Nictheroy, que foi uma tarde encantadora.

Futuro Edificio da Sociedade Sul Rio Grandense

Projecto classificado em 1º logar, aceito pelo Conselho Deliberativo daquella importante Associação e approvado em Assembléa Geral de seus socios.

O custo desta obra está orçado em cerca de 2.000 contos, pois será dotado de tudo conforto e luxo. Disporá ainda, a construcção de grande numero de escriptorios, cuidadosamente dispostos de fórma a não prejudicar a parte destinada ás suas installações sociaes, mas que vão constituir receita apreciavel, produzida pelo seu arrendamento.

Os seus autores, são: Dr. Milton Maia, Engenheiro Civil, formado pela nossa Escola Polytechnica, Engenheiro da Directoria de Obras Publicas do Estado do Rio, ex-prefeito de Duas-Barras e director da construcção de Estradas de rodagem - Friburgo a Therezopolis; e Dr. Paulo Antunes Ribeiro, Architecto pela nossa Escola Nacional de Bellas Artes, tendo concluido o curso com grande medalha de ouro, Engenheiro urbanista pelo Instituto de Urbanismo de Paris, na Sorbone, Membro do Conselho Deliberativo do Instituto Central de Architectos, Ex-auxiliar do Professor Agáche no Plano de remodelação da Cidade do Rio de Janeiro, no seu escriptorio technico em Paris, quando naquella cidade.

Dr. Paulo Antunes Ribeiro

Dr. Milton Maia

A PROPOSITO da nossa penultima chronica sobre a crise creada para a musica no Rio de Janeiro, pelas casas vendedoras de victrolas e discos e pelas nossas sociedades de radio, foram numerosos os applausos que recebemos e os commentarios que ouvimos de pessoas altamente interessadas no caso.

Effectivamente, se ha uma crise cuja razão de ser está a entrar pelos olhos de de toda gente, essa é, sem duvida a que ora nos preoccupa, com o intuito exclusivo de trabalhar por debelal-a.

O desenvolvimento formidavel do commercio de discos, entre nós, estava palpavelmente demonstrado com o numero de casas do genero, que se estabeleceram por toda a cidade. Ora, se essas casas passaram o tempo a encher os ares de quanta musica popular existe e se em cada rua e a cada passo uma casa nova surgia, era porque a musica por ellas propagada todos os dias conquistava novos adeptos, alastrando-se como uma ameaça cada vez maior e mais perigosa, para o bom gosto artistico da população. O vendedor de discos só tinha a preoccupação de augmentar o seu negocio. Os interesses artisticos da cidade nada eram perante os seus interesses commerciaes.

Evidentemente, um commercio desses é funesto e deve ser combatido, como se combatem epidemias prejudiciaes á população.

Foi o que fez, em boa hora, a lei municipal que regulou o negocio de discos. E' necessario, agora, que o illustre Prefeito Municipal, a quem a cidade já tanto deve, não esmoreça ante a teimosia com que os interessados insistem em querer revogar essa lei. E' preciso resistir, para que o bom gosto artistico carioca lhe fique a dever esse golpe decisivo na inconsciencia de todos aquelles que queriam, a todo tranze, exterminal-o.

No que diz respeito ás sociedades de radio, a situação não póde, egualmente, continuar como está. As sociedades de radio vivem, muito naturalmente, a solicitar socios para augmentar as suas rendas. Entretanto, conhecemos numerosos possuidores de apparelhos receptores que, em absoluto, não attenderão jamais a esse appello, porque não querem concorrer, de fórma alguma, para que a situação permaneça no que está ou se aggrave.

A esse proposito, dizia-nos agora um amador de radio:

— Quando comprei o meu apparelho, embalado pelos reclames das nossas sociedades de radio, foi para ouvir musica, em primeiro logar, literatura, noticias de interesse geral e até mesmo os nossos espectaculos e jogos de foot-ball. A primeira decepção que tive foi com os espectaculos das Companhias lyricas, verificando que só eram irradiados como esmola, uma vez por outra. Depois, a minha irritação cresceu de vulto, quando me convenci que o interesse dos reclames irradiados estava acima de quaesquer outros, tornando-se cada vez mais irritantes os poucos momentos que eu dispunha para ouvir musica. Depois... a avalanche de musica popular, a innudação dos tangos argentinos, dos fox-trots e dos sambas, como uma desgraça inevitavel, a toda hora, a todo minuto, todos os dias, em todas as irradiações! Dentro em muito pouco tempo, verifiquei que o radio, aqui no Rio, era um "bluff"! Comprei o meu apparelho para ouvir musica boa e não para ouvir reclames! Ao invés disso, o que me dão é musica popular e reclames commerciaes, horrivelmente berrados pelos "speakers". Ainda se soubessem organizar as programmas, abedecendo a um pouquinho de criterio, comprehende-se. A musica popular tem os seus admiradores, aos quaes é necessario contentar. Mas as sociedades esquecem-se de que ha os apreciadores da boa musica, os quaes devem ser tambem contemplados. São os amadores de elite, que não se conformam com o que lhes prometteram e o que lhes dão. A falta de criterio artistico dos organizadores dos programmas de discos não tem limites. Irradiam uma peça classica de piano entre dois sambas carnavalescos! Um poema symphonico entre dois fox-trots! Um numero romantico ou moderno de canto, entre dois tangos argentinos! Um bello côro ou um trecho de opera, entre dois maxixes! E' uma loucura, uma insensatez, um disparate, uma falta de respeito para com os autores e para com os bons ouvintes! Já se tem chegado ao cumulo de dizer um ou dois reclames de sabonetes ou de remedios contra males intestinaes, ao virar um disco em que se executam peças de musica classica ou romantica. Deixe que lhe diga, isso chega a ser um desafôro! E depois disso, as sociedades continuam a pedir socios! Ninguem se inscreve, é claro! Já que os programmas têm de ser, em sua maioria, esses, que ao menos sejam de graça! Quanto aos reclames é preciso que os commerciante saibam que estão inutilmente esbanjando o seu dinheiro. Ninguem ouve os reclames! Quando o "speacker" começa a irradial-os, os amadores, sem excepção, mudam, correndo, de estação! Ninguem ouve! E' um dinheiro posto fóra. Isso é o que os annunciantes precisam saber, para a sua defesa! Todas essas reflexões ahi feitas são as mesmas de todos os possuidores de radio. Portanto, tudo indica que as sociedades mudem de rumo. Ellas se mantem á custa do reclamo. Se não souberem conquistar socios, terão de desapparecer, porque o reclamo acabará, desde que o annunciante verifique a sua inutilidade. Para angariar socios, só organizando, com outro descortinio artistico, os programmas de discos. O que se faz actualmente é um absurdo! Se não corrigir, a debacle será inevitavel! Afinal, o remedio é facil: um accordo intelligente entre as nossas sociedades.

Organização de programmas bem orientados: musica classica, romantica, moderna e contemporanea. Operas, musica ligeira, musica popular. Ha discos de tudo isso. A sua escolha é uma questão de criterio, de bom gosto e de competencia, uma questão tambem de accordo com os commerciantes e importadores de discos. E os programmas do studio, organizados com os nossos elementos que tambem não comecem tão tarde, porque, actualmente, ninguem quasi os ouve da 2ª parte em deante. Vamos ver se algum fruto produzirão estas linhas. Estamos dispostos a insistir no assumpto, na certeza de que trabalhamos pelo nosso bom renome artistico..

Senhorita Genny Bebuá uma das mais queridas interpretes de canções regionaes brasileiras

:: Musica ::

De Elegancia

SE VOCÊ acha que continuaremos na preoccupação de emmagrecer?

— Evidentemente. Se os vestidos curtos e cintura nos quadris obrigavam a esbelteza, que, muitas, têm obtido pela fome, os compridos e cintura no lugar ainda com mais razão exijem a linha fina.

— E cintura fina em quadris pouco desenvolvidos impressionam bem?

— Não generalize. Podem impressionar bem e impressionar mal. Ha gosto para tudo e de tudo para todos os gostos. Não se esqueça tambem que ha sempre um chinello velho para um pé doente.

— Neste caso andemos cada uma segundo o proprio ponto de vista ou o de quem queremos agradar.

— Não resta duvida. Mas o nosso ponto de vista, que, no caso, não é senão o da esthetica physica e das roupas que nos vestem ou nos despem, como queira, deve combinar, de certo modo, com o ponto de vista geral. Se as mulheres magras estão na moda, não creia que as gordas estejam satisfeitas, e ellas nunca estão na moda, apesar do supplicio das cintas, embora differentes dos espartilhos antigos, mas, ainda assim, castigam bem o corpo. A preoccupação actual é obter corpo flexivel por meio de exercicios, da natação, dos jogos de sport que forçam a marcha e multiplicam os movimentos. Ha, naturalmente, outros processos como o do banho de luz. Em Paris ha um instituto que os substitue pelos banhos de parafina.

— Como?

— Depois de estendida a camada de parafina enrolam o paciente, — no caso é melhor dizermos: a paciente — em papel oleoso e cobertores durante meia hora. Suador de primeira ordem, talvez melhor que a herva sidreira e o aconito com que as nossas avós curavam resfriados. Depois a ducha fria, e depois, segundo o afamado medico, "on se retrouve amincie et animée d'une glorieuse vitalité". Vê? Só não serve ao emmagrecimento, tambem activa a vitalidade, que, tambem como percebeu, é gloriosa...

— E os vestidos encompridaram mesmo?

— Um pouco, de dia, para a rua, questão de tres ou quatro centimetros. A' tarde, porém, cresceram de mais quatro ou cinco centimetros nas pontas, bem entendido. Estes chamam-se vestidos para as seis horas. Para que se note a dissemelhança entre os de rua e os de visita estampo, aqui, de uns e de outros. Dos primeiros: "ensemble" de lã fina azul-cinza, tiras abotoadas por botões de madeira preta, cinto de pelica preta e babado franzido: vestido de setim preto incrustado de setim branco. Costas do mesmo vestido: saia aberta sobre setim branco: vestido de setim "beije" guarnecido de bainhas abertas em "cordonnet"; vestido de veludo musselina cinza prata enfeitado de pregas como recortes; frente e costa de um vestido de crêpe preto e pala branca; saia de "tweed" preto e cinza e blusa de crêpe da China cinza guarnecida de preto.

Vestidos para a tarde: musselina de seda estampada recortada em diagonal sobre musselina lisa; crêpe setim dourado formando "drapé"; taffetas preto; crêpe "chiffon" preto, saia em babados; crêpe da China verde escuro, babados plissados fingindo bolero, guarnecendo as mangas e a orla da saia; crêpe setim havana; "moire" para um vestido bem genero antigo; crêpe setim branco, lado fosco e lado brilhante combinados artisticamente nos "godets" da saia e na gravata: renda preta para um feitio que afina muito... Mais dois modelos que demostram a preferencia pelos franzidos.

Tecidos de primeira ordem e tintos pela tinta que se não descolora: Indanthren.

Perfumes: de A. Dorét.

SORCIÈRE

Luly Ferraz e Roberto Repeto, no medalhão. A' direita, Senhora Zenobio Couto. Em baixo. Alba Maria Jordão Arruda, filha do nosso collega Ivo Arruda.

DO TEMPO DO CARNAVAL